

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NICOLI FRANCINE DA MOTTA

**EU QUERO SER UMA PRINCESA!**

**Um olhar sobre a construção da representatividade feminina nas infâncias a partir dos  
filmes da Disney.**

SOROCABA  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NICOLI FRANCINE DA MOTTA

**EU QUERO SER UMA PRINCESA!**

**Um olhar sobre a construção da representatividade feminina nas infâncias a partir dos  
filmes da Disney**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Pedagogia para obtenção do  
título/grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientação: Prof. Dr. Lucia Maria Salgado dos  
Santos Lombardi

SOROCABA  
2019

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**NICOLI FRANCINE DA MOTTA**

**EU QUERO SER UMA PRINCESA!**

**Um olhar sobre a construção da representatividade feminina nas infâncias a partir dos  
filmes da Disney**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia para obtenção do título/grau  
de Licenciada em Pedagogia.

Sorocaba, 19 de dezembro de 2019.



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi (Orientadora)

Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Elina Elias de Macedo (Examinadora)

Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Estela Maria Oliveira Bonci (Examinadora)

Centro Universitário das Américas – FAM

*À todas as mulheres que assim como minha mãe,  
Adriana, empoderaram suas filhas a serem donas  
de sua própria vida e de seu próprio destino,  
principalmente através do estudo.*

*Que lhes ensinaram tudo que elas precisam:  
coragem, força e resistência.*

## AGRADECIMENTO

Esse trabalho e a conclusão desse curso foi possível graças a rede de confiança, amor e incentivo que tive. Agradeço a Deus, por me permitir viver tudo isso e me dar força todos os dias.

À minha mãe, Adriana, que sempre viu em mim o dom da docência até quando eu mesma não conseguia enxergar. Obrigada por sempre confiar em mim, ter paciência, me incentivar e acreditar que tudo que eu desejo é possível de ser realizado

Ao meu pai, Luiz, que foi resiliente durante toda a vida, ensinando a mim e ao meu irmão que ser honesto e dedicado é o caminho que temos que seguir e que sempre nos incentiva do seu jeitinho peculiar.

Ao meu irmão, Pedro, que sempre faz o seu melhor por mim, tem palavras de confiança, incentivo e me empurra, dizendo que sabe que eu devo seguir em frente e abrir o caminho para que ele possa seguir logo depois. Esse é seu jeitinho folgado e amoroso de dizer que sempre vamos estar juntos e realmente, estaremos sempre!

Ao Bruno, que sempre me recorda - com admiração - o motivo de eu ter escolhido essa profissão e ali, deposita seu apoio incondicional. Obrigada por estar navegando comigo nesse barco chamado vida até quando o mar é turbulento, sendo luz para seguirmos.

À Marília e Tatieli, que emanaram sua força, apoio e sorrisos durante seis anos e ajudaram no caminho dessa jornada insana que foi esse curso. Gratidão por tudo! Vocês são mais que especiais, são iluminadas. Obrigada por serem tão incríveis, sempre!

À Anna Clara e Isabela que desde o início me mandaram força e palavras de confiança, obrigada por sempre trazerem palavras de incentivo!

À minha orientadora Lucia, sempre tão querida nessa jornada fantástica chamada graduação, um ponto de equilíbrio e paz no meio dessa louca e maravilhosa vida acadêmica que é apresentada para nós, alunas/os. Seu trabalho maravilhoso me fez continuar, obrigada por toda paciência e tempo investido a mim e ao este trabalho, pois sem você, ele não seria uma realidade.

À UFSCar, que me deu por seis anos o que eu jamais imaginei ter. É com muita gratidão, amor e um coração apertado que agradeço imensamente tudo que ganhei aqui. Saio uma mulher que sabe o que o mundo pode me proporcionar e tudo que quero dele. Hoje, sei o caminho que quero seguir, sabendo todos os dias que a educação é o caminho certo, é resistência, é enfrentamento. Gratidão por abrir meus olhos, meu coração e minha mente para o mundo.

Às crianças, que passaram pelo meu caminho durante essa jornada e me mostraram que o meu lugar é ao lado delas. Que me ensinam muito mais do que eu sonhava aprender com estes pequenos seres de luz e encham de felicidade e amor genuíno todos os meus dias.

Gratidão pela jornada, pelo conhecimento e pelo ser humano que me tornei durante essa aventura que foi a graduação.

*“Há aqueles que dizem que o destino é algo além do nosso comando. Que o destino não é nosso. Mas eu sei melhor. Nosso destino vive dentro de nós. Você só tem que ser valente o suficiente para vê-lo.”*

*Princesa Merida, em “Valente”*

## RESUMO

MOTTA, Nicoli Francine da. EU QUERO SER UMA PRINCESA: um olhar sobre a construção da representatividade feminina nas infâncias a partir dos filmes da Disney. 2019. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.

O trabalho buscou compreender o quanto o comportamento das princesas idealizadas por *Walt Disney Animations Studios* influencia as crianças de 3 a 5 anos, em idade escolar na Educação Infantil. Foram analisados filmes desde a ingênua e exemplar dona de casa em busca do príncipe encantado Branca de Neve, de 1938, até a corajosa Moana, de 2016. Foi verificado que a ideologia machista nos filmes de Walt Disney foi bastante disseminada tanto por personagens masculinos como femininos, no sentido de reforçarem a necessidade da mulher precisar ser aceita por um homem, se moldando às expectativas masculinas. Entretanto, observou-se que atualmente as crianças se encantam mais por princesas que têm domínio de sua própria vida, que tem sonhos e objetivos – as denominadas “princesas contemporâneas”. O estudo possibilitou uma reflexão sobre o quanto as novas representações de personagens femininas podem mudar os ideais e as convicções das crianças espectadoras, refletindo sobre as transformações do papel da mulher com o passar dos anos e ensinando que existem outras opções para a satisfação pessoal além de se encontrar um príncipe encantado.

**Palavras-chave:** Princesas. Feminismo. Gênero e Educação. Educação Infantil. Disney.

## ABSTRACT

MOTTA, Nicoli Francine da. I WANT TO BE A PRINCESS: a glimpse into the construction of female representation in childhood from Disney films. 70 fls. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2019.

The work sought to understand how the behavior of princesses idealized by Walt Disney Animations Studios influences children from 3 to 5 years of age, in preschool. Movies were analyzed from the naive and exemplary housewife in search of the prince charming, Snow White, from 1938, to the courageous Moana, from 2016. It was found that the macho ideology in Walt Disney films was widely disseminated by both male and female characters, in the sense of reinforcing the need for women to need to be accepted by a man, molding themselves to male expectations. However, it was observed that children today are more enchanted by princesses who have control over their own lives, who have dreams and goals – the so-called “contemporary princesses”. The study enabled a reflection on how the new representations of female characters can change the children-viewers' ideals and convictions, reflecting on the transformations in the role of women over the years and teaching that there are other options for personal satisfaction besides if you find a prince charming.

**Keywords:** Princesses. Feminism. Gender and Education. Early Childhood Education. Disney



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2. CAPÍTULO I: Memorial</b>	<b>13</b>
<b>3. CAPÍTULO II. Metodologia</b>	<b>15</b>
<b>4. CAPITULO III. Quadro Teórico</b>	<b>20</b>
4.1. Walt Disney e a introdução das princesas dos contos de fadas nos filmes infantis do mundo Disney	<b>22</b>
4.2 Representações de gênero nos contos de fadas nos momentos históricos: princesas de ontem e as novas princesas.	<b>23</b>
4.3 Ideais de feminilidade ensinados às meninas a partir das figuras das princesas.	<b>51</b>
4.4 Discussões e avanços necessários ao campo	<b>60</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>64</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.</b>	<b>65</b>
<b>7. FILMOGRAFIA</b>	<b>69</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Princesa (s.f.): 1. Herdeira presuntiva de uma coroa; 2. Filha ou mulher de um príncipe; 3. Filha de família reinante; 4. Soberana de um principado; 5. Soberana, rainha, imperatriz; 6. A primeira e mais distinta e excelente pessoa ou coisa personalizada de uma série ou espécie.<sup>1</sup>

É habitual que presenciemos meninas dizendo a frase “Quando eu crescer, quero ser uma princesa!”, pois a princesa é uma figura humana que domina o imaginário infantil feminino desde muito cedo, tomada como um ideal de feminilidade, de doçura e de boa educação. Um exemplo disso se observa quando, desde o nascimento, um dos primeiros elogios feitos a uma menina geralmente envolve a palavra princesa. Quando crescem um pouco, ser princesa significa usar belos vestidos, ser muito bonita e encontrar um príncipe encantado, com quem vai se casar, morar em um grande castelo e ser feliz para sempre.

Nascer menina parece ser um ato carregado de uma pressuposição de que se vá querer ser uma princesa. É esperado por muitas pessoas que seus comportamentos tenham a feminilidade esperada e chamam-lhe a atenção para isso:

- “Senta de perna fechada! ”,
- “Não vá sujar o vestido, hein...”,
- “Não brinque com isso, não é brincadeira de menina”.

Seus pertences são majoritariamente na cor rosa, pois é difícil encontrar objetos destinados à infância que não sejam marcados por cores que cumprem a função de representar, etiquetar; seus brinquedos não são radicais, pois, onde já se viu, uma princesinha andando de skate? A cobrança por feminilidade, gentileza e beleza é algo que vem desde a infância.

Susana Rangel Vieira da Cunha (2010), pesquisadora da cultura visual, contribui para que possamos refletir sobre o quanto as culturas são constitutivas da vida social, nos afetam, geram práticas e mediam as disputas de poder. Neste sentido, ela chama atenção para o quanto os artefatos culturais direcionados à infância – objetos utilitários, peças de vestuário, todas em tons rosados para as meninas e azuis para os meninos – e as produções visuais para crianças – livros, filmes, imagens – interferem em nossas concepções sobre infância. De acordo com Cunha (2010, p. 135), um marcador, como a cor da roupa infantil, “elabora um campo de significações, classificando meninos, meninas, comportamentos, interdições. ”

---

<sup>1</sup> "**princesa**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/princesa> [consultado em 26-11-2019].

Eu não me via representada nesse comportamento quando eu era uma criança. Não era uma princesa como esperado e muitas vezes isso afetava minha autoestima. Era uma criança ativa, mas tímida, que não queria usar vestido, pois ele atrapalhava para correr e brincar. Era exigido que eu sentasse direito a todo momento, mas qual criança lembra disso toda hora? Desde pequena, o sonho do casamento era algo que eu afastava afinal, abrir mão das coisas que eu sonhava não era uma opção: princesas são submissas, eu não queria ser. Além do comportamento esperado, não me encaixava dentro dos padrões estéticos apresentados por elas: magras, olhos claros, cabelos loiros, vozes impecáveis.

Hoje, vejo que o que não se encaixava em mim era a imagem de princesa clássica. Eu poderia ter me identificado com Merida, de Valente (BRAVE, 2012). Uma princesa fora dos anteriores padrões Disney, com rostinho redondo, cabelos avermelhados, cacheados e volumosos, que segue seu coração e defende o que ela considera mais importante: liberdade. Liberdade de amar quem desejar, de ser, se vestir, se portar da forma que é importante para si, e não como todos esperavam. Esse era o tipo de princesa que eu, nos anos 1990/2000 gostaria de ter para me encontrar e me inspirar. Também poderia ter me identificado com Elsa, Anna e seu amor de irmãs em Frozen que mostrou para crianças - e meninas - do mundo todo que, amor-romântico não é o único possível, família também é esse tipo de amor verdadeiro e, com esse, eu sempre me identifiquei.

Para as gerações de crianças e suas famílias que cresceram vendo a princesa esperando um filme todo apenas para ser salva por um príncipe, saber que esse tipo de princesa não é algo que agrada totalmente às novas gerações, possibilita que respiremos um novo fôlego. Figuras femininas que lutam pelos seus desejos, seus sonhos e tem ideais a defender fazem parte das animações mais recentes do estúdio Disney.

Neste trabalho, busco analisar qual a importância das releituras dos contos Disney e suas novas representações de princesas para uma outra construção de representatividade feminina nas crianças da Educação Infantil, pensando que nessa faixa etária, as crianças estão imersas na cultura contemporânea, influenciando seu comportamento e desejos até a vida adulta.

Se pensarmos em termos de arte, Cunha (2017) esclarece que estamos falando em arte contemporânea quando nos referimos às produções dos últimos cinquenta anos, que costumam ser denominadas como arte contemporânea ou pós-moderna. A autora aponta para o problema de raramente serem encontradas na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental propostas educativas que tenham “um olhar atento e compreensível para o que se produz hoje” (CUNHA, 2017, p. 11). Segundo ela, o paradigma que orienta o pensamento

pedagógico muitas vezes funda-se em critérios de arte de um tempo e uma sociedade que não é esta na qual vivemos hoje.

Neste estudo, analiso especialmente a influência dos filmes das princesas idealizadas por *Walt Disney Animations Studios* na construção da personalidade de crianças de 3 a 5 anos, em idade escolar da Educação Infantil, refletindo sobre as transformações do papel da mulher com o passar dos anos.

Para isso, o trabalho se estrutura em três capítulos. No primeiro Capítulo apresento meu memorial, a fim de contextualizar a temática escolhida. No Capítulo II é relatado o caminho da Metodologia e no Capítulo III está o Quadro Teórico, que divide os estudos em quatro trechos: 4.1. Walt Disney e a introdução das princesas dos contos de fadas para os filmes infantis do mundo Disney, buscando conhecer a história de Walt Disney desde o início de sua trajetória, pouco antes de ser conhecido por Branca de Neve, até os dias de hoje, a fim de entender sua importância no mundo do entretenimento e, conseqüentemente, seu lugar de destaque como empresa extremamente lucrativa e criadora de cultura contemporânea no nosso século; 4.2 Representações de gênero nos contos de fadas nos momentos históricos: princesas de ontem e as novas princesas, que analisa o papel feminino representado pelas princesas Disney desde 1937 e sua construção baseada no contexto histórico no quais elas estavam inseridas, cada uma a sua época, e o discurso de cada uma das produções. Para melhor compreensão, as princesas são divididas em três partes, (AGUIAR e BARROS, 2015, p.2): “1) as princesas clássicas; 2) princesas rebeldes; e 3) princesas contemporâneas”. O tópico 4.3 Ideais de feminilidade ensinados às meninas a partir das figuras das princesas, traz à luz os ideais de feminilidade que são ensinados às meninas durante a infância baseados nas figuras das princesas e por fim, discuto o que mudou e quais os avanços e problematizações necessárias no campo da pedagogia cultural das princesas e acerca do mundo criado por Walt Disney (CECHIN, 2014, p.132), no tópico 4.4 Discussões e avanços necessários ao campo.

## 2. CAPÍTULO I: Memorial

Apesar de ter um pai paulista e uma mãe mineira, Sorocaba sempre foi meu lar. Aqui, meus pais criaram novas raízes e tiveram seus dois filhos: eu, a menina que quer ser professora, dar aulas, cuidar e educar crianças e meu irmão Pedro, o menino que quer cuidar de animais. Criação igual, seres humanos opostos, como a vida pode ser realmente.

Nas escolas por onde passei, que não foram muitas, apesar do incentivo para ingressar na universidade ou ser professora não ter sido nenhum, lembro com carinho de professoras incríveis que ensinavam com o mesmo amor com que eu espero ensinar em breve, como a professora Iraci, que atuava no Centro de Educação Infantil (CEI) mais legal da cidade, onde até a escorregador gigante as crianças tinham acesso, “perfeito” para deixar o uniforme encardido na terra vermelha que essa cidade proporciona.

Também me recordo com muito afeto de uma professora do Ensino Fundamental. Seu nome era Concília e ela foi a professora mais incrível que eu já tive na vida. Ela era criativa, dedicada, tinha muito amor pelo que fazia e ensinava de uma maneira que aprendíamos de verdade. Tive apenas uma oportunidade de vê-la após esse tempo e eu já estava na faculdade. Fiquei admirada quando ela me reconheceu e pude dizer que estava cursando Pedagogia e que ela era uma grande responsável por isso, pois eu queria ser igual a ela quando fosse professora. Ela ficou comovida, eu ainda mais. Pena ter sido um breve encontro, na correria da vida.

Vivendo em uma casa na qual os pais não tiveram oportunidade de terminar os estudos, educação era uma coisa levada muito a sério, em especial pela minha mãe que não trabalhou para cuidar de mim e de meu irmão. Minha mãe tem a docência no coração: sempre foi uma estrela guia nos nossos estudos e me alfabetizou sozinha em casa, além de ter dado a mim o que acredito que possamos dar de mais precioso a uma criança: o amor pela leitura. Ela me ensinou a ler e meu pai me dava gibis. Lembro de muitos gibis e muitas histórias da Turma da Mônica que permaneceram por muitos anos na minha vida e, sem dúvida, alimentaram meu amor pela leitura. Hoje eu oferto esses gibis para os/as meus/minhas alunos/as, para que eles/elas também possam ter o mesmo interesse.

Sobre esse amor específico, há uma passagem marcante: no ano passado, eu tive a oportunidade de conhecer o Maurício de Sousa na Bienal do Livro. Ele autografou um livro lindo que fez com Ziraldo e eu só consegui dizer a ele como ele é importante na minha vida desde que as letras fizeram sentido juntas, como suas histórias alimentaram meu amor pela leitura e como eu era grata por isso.

Quando cresci mais um pouco, meus pais mostraram os livros de princesa, leituras que eu fiz milhares de vezes na infância, assim como assisti com eles a todos os filmes! Passeios na locadora eram uma coisa de pai e filhos, íamos muito e a Disney já rondava minha vida desde então. Acredito que seja impossível desvincular a história de mulheres da minha idade com as das princesas Disney: praticamente todas assistimos e o sonho de ser princesa morava em nós.

Eu, menina branca, de baixa estatura, olhos e cabelos escuros, sem um corpo como o daquelas princesas, sentia que ser princesa não era para mim, assim como não o eram os seus objetivos. Se eu não pareço uma princesa, pensava, não vou ter um príncipe também. À medida em que fui crescendo, a Disney foi apresentando novos tipos de princesas e essas sim já se pareciam mais comigo.

Quando pensei em realizar um trabalho que refletisse sobre a influência das princesas Disney na vida das crianças, além de pesquisar a realidade de tantas crianças que são diretamente influenciados por isso, objectivei também repensar sobre a minha história.

Quando entrei na universidade, sentia que ali não era meu lugar: oriunda de escola pública, me sentia defasada e não pertencente àquele espaço, exatamente como eu me sentia na infância quando pensava em ser uma princesa... mas não tinha como. Hoje, praticamente formada, atuando na área e inundada dos conhecimentos que as crianças me trazem todos os dias, meu pensamento tanto sobre a universidade como sobre ser uma princesa mudou. A universidade também pode ser meu lugar se eu quiser.

A minha experiência em sala de aula me fez ver que muitas meninas sonham em ser princesa, cada uma ao seu jeito, já que o jeito Disney de ser não cabe na grandiosidade que é uma criança de verdade. Minha pesquisa foi em busca de descobrir quão perto ou quão longe estamos de um momento em que se possa incentivar o sonho de uma criança que grita em meio a um faz de conta “EU QUERO SER UMA PRINCESA!”.

Esse tema foi escolhido baseado nelas, as crianças, incluindo a criança que eu fui. A força motriz que me faz hoje encerrar esse capítulo da minha trajetória com esse trabalho está com o pensamento nas crianças que serão sujeitos de meu caminho profissional como professora e pesquisadora. A Nicoli criança que não sabia se tinha como ser uma princesa encontra a Nicoli professora, que vai incentivar cada criança que passar pelo seu caminho a ser exatamente o que ela quiser e sonhar, assim como diz Moana em “Canção Ancestral”, cantada com sua avó:

*“Encontros vão te moldando*

*Aos poucos te transformando*

*E nada no mundo cala*

*A voz que vem num encanto*

*E te pergunta baixinho*

*‘Moana, quem é você?’*

*Moana tente, você vai se encontrar”*

Para todas as crianças que eu puder ajudar a ser a voz bem baixinha que vai estimular a se encontrarem, independentemente de onde elas desejarem chegar, com amor.

### 3. CAPÍTULO II. Metodologia

Nesse capítulo é apresentado o método de pesquisa escolhido, que foi o da pesquisa bibliográfica, com descrição sobre o levantamento bibliográfico realizado, visando relacionar as teorias trazidas por meio das leituras e as vivências que tenho pelo convívio escolar em meu trabalho.

O levantamento bibliográfico foi realizado utilizando majoritariamente o mecanismo de busca Scholar - Google Acadêmico, (<https://scholar.google.com.br>), onde foram encontrados os melhores resultados, como se pode observar na tabela a seguir, e também foi utilizado o SciELO - Scientific Electronic Library Online (<https://www.scielo.org>) porém, apenas uma das seis pesquisas que fiz tinham resultados para minhas buscas.

Em ambos os sites, as principais palavras-chave foram Disney e Princesa, com variações de busca com as palavras Empoderamento, Gênero, Pedagogia e Representatividade.

**Tabela 01 - Scholar**

<b>Google Scholar — Google Acadêmico</b>			
<b>Palavras Buscadas no Scholar</b>	<b>Número de resultados encontrados</b>	<b>Resultados selecionados</b>	<b>Nomes dos títulos</b>
Princesas AND Disney	6.030	8	LOPES, Karine Elisa. Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney.
			AGUIAR, Eveline Lima; BARROS, Marina Kataoka. A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher

			<p>CECHIN, Michelle Brugnera Cruz. O que se aprende com as princesas da Disney?</p> <p>KUO, Catarina Nae Yen. ENSINANDO A SER MENINA: as princesas da Disney e o processo de socialização infantil.</p> <p>SANTOS, Maria Eduarda Motta dos. Era uma vez a análise do discurso sobre as princesas dos contos de fada em animações da Walt Disney</p> <p>MENEZES, Carolina Schneider. A evolução das mulheres pelos contos de fadas e suas representações no universo feminino.</p> <p>JUNIOR, Francisco Aucelio Evangelista Belchior; ALVES, Francisco Cosme. O existencialismo para o empoderamento feminino em filmes da Disney.</p> <p>BORGES, Heloisa Porto; RODRIGUES, Rodrigo Fonseca.</p> <p>A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, p. 109-127</p>
Princesa AND Disney AND Representatividade	2.450	7	<p>DRAEGER, Jaciara Lins. Do Fogo do Inferno ao Frio Congelante: Frozen e as Representações das Mulheres.</p> <p>MENEZES, Carolina Schneider. A evolução das mulheres pelos contos de fadas e suas representações no universo feminino</p> <p>ARAUJO, Patricia Martins de. Protagonismo feminino: Influências dos filmes de princesas da Disney para uma educação feminista.</p> <p>CARVALHO, Ana Elisa Alves de. Personagens femininas em animações dos Estúdios Disney: transformações de perfis em mulheres complexas.</p>



			NETTO, Jéssica Dombrowski. O papel da mulher nos filmes das princesas da Disney.
			LIMA, Isabel Cristina Marlasca Fernandes; ANTUNES, Amanda Almeida; PEREIRA, Cláudia da Silva. Espelho, espelho meu...: representação feminina e re-design das princesas dos filmes da Disney.
			FOSSATTI, Carolina Lanner. Cinema de animação e as princesas: Uma análise das categorias de gênero.
Princesa AND Gênero AND Disney	<b>4.200</b>	<b>2</b>	NETTO, Jéssica Dombrowski. O papel da mulher nos filmes das princesas da Disney.
			BREDER, Fernanda Cabanez. Feminismo e príncipes encantados: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney.
Pedagogia AND Disney	<b>13.000</b>	<b>0</b>	
Princesa AND Empoderamento	<b>2.410</b>	<b>0</b>	
Empoderamento AND Disney	<b>1.300</b>	<b>2</b>	MELO, Lucyanna Maria de Souza; SANTOS, Diogo Emmanuel Lucena dos; SILVA, Romildo Fellipe do Nascimento; BARROS, Sybelle Karolynne de Holanda Azevedo. Bela, recatada e de onde ela quiser...
			CASTRO, Lidiane Nunes de; CHAMPANGNATTE, Dostoiewski Mariatt de Oliveira. Feminismo e o conto de fadas: uma análise do filme Frozen.

Da tabela consta um número significativo de resultados nas pesquisas, porém, apesar do volume de artigos, após uma leitura dinâmica de um número relativo de páginas da pesquisa, grande parte não correspondia ao tema pesquisado para este trabalho. Um número menor de artigos foi selecionado pensando na sua equivalência ao tema, pois muitos dos resultados encontrados continham um enfoque em raça, ideologia, temática LGBTQI+, artigos sobre apenas uma princesa específica e seu filme correspondente, em língua estrangeira, como

espanhol, artigos com tema de brinquedos Disney, abordagens sobre outras disciplinas, entre outras.

Os artigos selecionados tinham um olhar mais direto para as questões que me propus pesquisar. Muitos eram bem parecidos na sua abordagem, tema escolhido, por isso, selecionei um número relativamente pequeno diante do grandioso número de resultados.

**Tabela 2 – SciELO - Scientific Eletronic Library Online**

<b>SciELO - Scientific Electronic Library Online</b>			
<b>Palavras Buscadas no Scholar</b>	<b>Número de resultados encontrados</b>	<b>Resultados que serão utilizados</b>	<b>Nomes dos títulos</b>
Princesas AND Disney	0	0	
Princesa AND Disney AND Representatividade	0	0	
Princesa AND Gênero AND Disney	0	0	
Pedagogia AND Disney	0	0	
Princesa AND Empoderamento	0	0	
Princesa AND Gênero	8	1	XAVIER FILHA, Constantina. Gênero e resistências em filmes de animação.

A segunda tabela apresenta resultados nulos em praticamente todas as palavras-chave, com exceção de Princesa e Gênero, em que foram encontrados oito resultados, porém, metade era sobre o carnaval, um era sobre Princesa Isabel, um em inglês e um que dispensei, mesmo sendo do tema buscado.

**Tabela 03 - Relação do número de artigos escolhidos por palavras-chave**

<b>Palavra-chave</b>	<b>Scholar</b>	<b>SciELO</b>	<b>Total</b>
----------------------	----------------	---------------	--------------

Princesas AND Disney	08	0	08
Princesa AND Disney AND Representatividade	07	0	07
Princesa AND Gênero AND Disney	02	0	02
Pedagogia AND Disney	0	0	0
Princesa AND Empoderamento	0	0	0
Empoderamento AND Disney	02	0	02
Princesa AND Gênero	-	01	01

A terceira tabela mostra a significativa diferença entre os dois mecanismos de busca usados para a pesquisa e os índices dos artigos escolhidos. Disney e Princesas tem juntos quase dezessete resultados, separados em três categorias: a citada acima, com a palavra representatividade e com a palavra gênero, sendo os dois primeiros os que tem a maior quantidade de artigos escolhidos. Pedagogia e Disney, apesar de ser encontrado dentro de alguns artigos que foram lidos para este trabalho, não tiveram nenhum artigo relacionado encontrado, assim como princesa e empoderamento.

“Princesa” e “Gênero” aparecem somente com resultado de pesquisa na tabela do SciELO pois, como nenhuma das outras palavras-chave haviam sido encontradas, utilizei esta palavra apenas para verificar se, sem a palavra “Disney” haveria algum sucesso e foi o que ocorreu. Selecionei um dos oito resultados, bem pouco perto da quantidade imensa que foi encontrada de todas as palavras-chaves no Scholar.

Os artigos selecionados apresentam as princesas Disney no coletivo, a ligação com o feminismo e empoderamento, as mudanças ao longo do tempo, trazendo ao nosso trabalho as elucidações necessárias.

Alguns materiais foram selecionados após observar as referências bibliográficas escolhidas e citadas nas tabelas acima. Mesmo fora das pesquisas, as referências tinham muito conteúdo que poderia ser utilizado neste trabalho, por isso foram selecionados e estarão disponíveis para consulta no último capítulo, em Referências Bibliográficas.

## 4. CAPITULO III. Quadro Teórico

### 4.1. Walt Disney e a introdução das princesas dos contos de fadas nos filmes infantis do mundo Disney

A história da *The Walt Disney Company* mescla amor à ilustração, a criatividade e ao empreendedorismo, tendo início em 1923, fundada pelos irmãos Walt e Roy Disney, e naquele momento, a marca tinha como nome “*Disney Brothers Cartoon Studio*” que inicialmente trabalhou na criação de animações em curtas-metragens para hoje, quase 100 anos depois, ser o maior conglomerado de mídia do mundo, contando com mais de trinta subsidiárias que levam o icônico selo Disney, como a *Hulu*, principal concorrente da *Netflix*, a *Pixar* e *ESPN*, que apesar de não ser completamente controlada pela Disney (80%), tem apenas 20% de suas ações em outra proprietária.

Os irmãos fizeram história com sua primeira exibição da maior estrela e símbolo da empresa, Mickey Mouse, em preto e branco a bordo de um barco em um curta-metragem de animação que apresentou som sincronizado pela primeira vez na história, em 1928: “O Vapor Willie” (*Steamboat Willie*, 1928), seu projeto inovador que foi o sucesso que salvou Walt Disney da falência, que o acometeu após perder os direitos de seu primeiro personagem, *Oswald, O Coelho Sortudo* (*Oswald the Lucky Rabbit*, 1927) para a Universal. A história de reinvenção de Walt Disney diz muito sobre o seu futuro e de sua empresa, visto que, não ao acaso, a Disney aparece em 8º lugar na lista das empresas mais valiosas do mundo em 2019 e hoje, tem um portfólio bastante interessante.

As empresas que foram adquiridas ao longo dos anos por The Walt Disney Company tem um peso importante na representação da força de sua marca, visto que hoje, ela detém o poder em mídia fora das telas do cinema não apenas com conteúdos direcionados para crianças, como os canais de tv por assinatura, a *Baby TV*, para crianças até 3 anos, o *National Geographic Kids*, com conteúdo dedicado a crianças em idade entre 3 e 11 anos, seus canais que levam seu nome, como o *Disney Channel*, seu carro-chefe, onde são exibidos desenhos e filmes realizados especialmente para televisão (em especial, os feitos com pessoas de carne e osso, como *High School Musical* e seu mais recente sucesso, a trilogia *Descendentes*, no qual falaremos brevemente neste trabalho), *Disney XD*, destinado a um público de 6 a 14 anos e *Disney Júnior*, com programação realizada para crianças de 2 a 5 anos, mas também com programações dedicadas a adultos, como o canal esportivo *ESPN*, dedicado 24 horas por dia ao esporte, os canais *Fox* (*Channel*, *FX*, *Live*, *Premium* e *Sports International*) com programação para a família, com filmes, séries originais e não-originais, esportes e os canais da *National*

*Geographic Channel* e *Wild*, um dedicado a documentários e programas com cunho educativo sobre biologia, meio ambiente, história e o outro mostrando o lado selvagem da natureza, entre outras. Não menos importante e muito menos simbólico, a Disney ainda possui em sua vasta gama de investimentos além da tv, a divisão de filmes fora do selo Disney, *Marvel Entertainment*, que recentemente conseguiu para sua gama de sucesso, o posto de maior bilheteria da história do cinema com o filme *Vingadores: Ultimato*. Inclusive, a Disney, com sua divisão em animação, *LucasFilm* (de *Star Wars*) e *Marvel*, detém seis dos dez títulos de maiores bilheterias da história do cinema. Também é detentora de parques no mundo todo, licenciamentos de produtos de todos os tipos (de roupas a maquiagem, de material escolar a brinquedos, até mesmo alimentos) e sua estação de rádio.

Aproximando a empresa e sua magia da fonte de suas histórias, os contos de fadas não eram *disneyficados* como atualmente. Desde o Renascimento, já existem registros de contos transmitidos oralmente, de geração em geração e, nesse período da história em especial, temos uma forte presença do mito da bruxa, fabricado e demonizado pela igreja como forma de exercer poder sobre a população, reprimindo-a. em um primeiro momento, contos era um tipo de literatura escrita não era infantil, visto que o conceito de infância é algo relativamente novo, moderno, e sim para os adultos, como cita SCHNEIDER e TOROSSIAN, (2009), “Os contos, em sua essência, não eram destinados ao universo das crianças, uma vez que as histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos.” Estes contos também estavam associados com magia, personagens comuns e nobres, como reis e rainhas, os contos de fadas eram apenas contos. A imagem da mulher ‘forte, independente’ era associada com a figura da bruxa perversa introduzida nos contos orais na figura do mal, como madrastas más, por exemplo.

Contos de fadas remontam a tempos antigos, vindos da tradição oral de diferentes culturas pelo mundo. Eram histórias contadas de pai para filho e, dessa maneira, acabaram perpetuando-se no imaginário coletivo. Só começaram a ser registradas em livros na Idade Média, quando a criança começou, de fato, a ser tratada como criança. Até então não havia grandes distinções entre adultos e crianças, pois ainda não havia aquilo que conhecemos hoje por infância, que é o período relacionado com o desenvolvimento dos pequenos. (CASTRO, 2016, s/p.)

A partir do século XVII, os contos de fadas começaram a ter o aspecto mais próximo do que conhecemos, principalmente com Charles Perrault, que introduziu o gênero como literário infantil e mudou as visões dos contos, anteriormente escritas sobre “*dramas familiares, e não sobre chistes e charadas, sobre fábulas animais ou contos proverbiais e admonitórios*” como

era comum. (Warner, 1999, p. 14), escreveu histórias clássicas, muito conhecida das crianças modernas, como *Chapeuzinho Vermelho* e também as histórias que o mundo Disney mostrou ao mundo por meio das animações, como *Cinderela* e *A Bela Adormecida*. Os contos originais não eram tão brandos como os contados na atualidade, alguns contêm finais trágicos ou tiveram personagens criados para deixar as histórias menos pesadas para serem contadas ao público infantil. Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, também deixaram sua contribuição no gênero, mas assim como Perrault, tiveram suas histórias moderadas e mesmo sendo possível encontrar seus contos originais em edições especiais e também em livros avulsos, as histórias mais abrandadas são as mais difundidas.

É importante dizer que, contos destes autores, em suas versões ditas como originais vinham “carregadas de valores próprios à época e ao contexto social de quem as escreveu, e, não obstante, sendo consideradas como produções universais e atemporais. Os valores e conceitos trazidos nos contos aparecem como naturais e inerentes à humanidade, sendo ‘mitificados ideologicamente, desistoricizados e despolitizados para representar e manter os interesses das classes dominantes’”. (CALADO, 2003; CANTON, 1994, p. 26) sendo estes valores citados aqueles de ideias muito comuns no século passado, como os de virtuosidade e conformismo, formas de poder empregadas pela igreja e intrincadas até hoje nas raízes da sociedade moderna.

No final de 1937, apesar de muito desacreditado pela família e pela indústria Hollywodiana, Walt Disney mostrou seu talento e levou às telas do mundo a história de uma princesa baseada no conto dos irmãos Grimm: Branca de Neve. O filme, o primeiro de seu estúdio totalmente colorido, foi um sucesso absoluto, arrecadando milhões e levando a Disney a conquistar seu primeiro Oscar, um honorário, em modelo especial com um Oscar tamanho padrão e sete miniaturas, representando a princesa e seus sete anões visto que não havia ainda uma categoria específica para seu filme. Após o trabalho de criação de Branca de Neve e seu sucesso, houve investimentos em novas formas de tecnologia para os próximos lançamentos, investimento esse que foi constante, tanto nos estúdios Disney como em suas outras empresas, como a Pixar, que em *Toy Story* apresentou ao mundo o primeiro filme da história do cinema feito inteiramente em computação gráfica, em 1995.

Branca de Neve e os Sete Anões (*Snow White and the Seven Dwarfs, 1938*) abriu caminho para a transformação de contos clássicos em histórias Disney e suas aclamadas princesas, cada uma moldada no estereotipo ideal da figura feminina de sua época, com ideais de feminilidade, fragilidade, pureza e beleza passado nas telas por anos e sofrendo modificações aos poucos, baseadas nas mudanças da sociedade e no avanço do feminismo, que defende a

liberdade da mulher de ser o que deseja sem a pressão de seguir regras patriarcais e padrões machistas. Branca de Neve tem o estereótipo da esposa ideal da época: submissa, com semblante de pureza e que cuida da casa com carinho, características que aparecem principalmente quando é encontrada pelos anões em sua casa e pede abrigo; eles aceitam, mas suas condições são que ela cuide da casa, faça a comida e cuide deles, como uma esposa perfeita faria. Ela aceita e exerce suas funções domésticas feliz, sorridente e com muita delicadeza, diferente das últimas princesas retratadas nos cinemas pela Disney que são guerreiras, lutam pelos seus direitos, escolhem seus destinos e lutam por eles, não o esperam pacificamente em uma personificação de homem branco, salvador em seu castelo, felizes para sempre.

Em seus anos de criação de princesas perfeitas e idealizadas, os estúdios Disney modificaram muitos contos, mas sua mudança principal e que nos leva a esse trabalho é a evolução dessa personagem tão presente na vida de crianças. De sofredora e indefesa a corajosa guerreira, o estereótipo foi sendo modificado à medida que as mulheres também mudavam, mostrando sua força e suas lutas na sociedade. Isso também alterou a maneira em que essas personagens apareciam a cada novo filme, em cada nova princesa: em 2019, aceitaríamos mostrar as nossas meninas uma figura feminina que aceita condições análogas ao trabalho escravo determinada por sete figuras masculinas e uma figura ‘materna’ que manteve um relacionamento tóxico com a própria enteada com o motivo principal de desavença sendo a beleza da menina?

Frozen, Uma Aventura Congelante, mostrou Elsa e Anna em uma aventura onde o amor de irmãs salva Elsa, a herdeira de rosto angelical de seu reino que tem poderes gélidos que ainda não são controláveis por ela. Frozen é baseado no conto “A Rainha do Gelo” de Hans Christian Andersen, cujo roteiro ficou guardado por décadas antes de ser aprovado e produzido, sofreu alterações significativas, mostra que não é necessário o amor romântico do príncipe encantado para ser feliz, além de ter personalidade própria, ideais e negar os próprios preceitos do estúdio, como por exemplo, se casar com alguém que você acabou de conhecer, situação comum em muitos dos filmes Disney, mas que não ocorreu nos últimos filmes com princesas Disney, como Valente e Moana, que ressignificaram o conceito princesa, negando o arquétipo indefeso e o padrão de beleza de suas personagens femininas, como aprofundaremos no tópico a seguir.

#### **4.2 Representações de gênero nos contos de fadas nos momentos históricos: princesas de ontem e as novas princesas.**

As princesas servem de modelo para meninas e mulheres há muito tempo, alimentando sonhos de amor verdadeiro e de uma vida cor-de-rosa, repleta de magia. Entretanto, conforme

amadurecemos e vamos percebendo que a vida não é escrita e roteirizada por Walt Disney, o sentimento de frustração é inevitável. Aquela pequena menina, que passou a vida vendo os príncipes encantados salvarem a princesa de perigos e maldades, cresce e compreende o tamanho da influência da mídia na sua vida e a dificuldade de desconstruir os padrões que o entretenimento deixou como marcas ao longo de sua história.

Os filmes apresentados por Walt Disney exaltam o estereótipo feminino ideal para cada época referente ao seu lançamento, se transformando com o passar dos anos. Apesar deste trabalho se referir às princesas, a figura do príncipe também pode ser discutida, mesmo de maneira menos aprofundada visto a relevância deste personagem nas obras e ainda, visto que os filmes sobre princesas estão, ao mesmo tempo em que formam as meninas sobre ideais e modelos de ser mulher, formam também os meninos nas formas de pensar sobre o que seria a mulher esperada e o homem adequado para ela.

Quando precisamos mensurar a importância destas personagens femininas na história do entretenimento e dos estúdios Disney, podemos olhar com atenção para o seu poder: elas conquistaram sua própria divisão dentro da marca, a Disney Princess, que segundo Fernanda Cabanez Breder (2013) foi oficialmente lançada nos anos 2000, pela Walt Disney Company e dedicada somente a essas personagens. A marca tem uma fonte de renda praticamente inesgotável quando citamos os produtos licenciados da marca, como roupas, fantasias, jogos, brinquedos, calçados, maquiagem, roupas de cama, banho, bonecas, material escolar e seus desenhos, feitos especialmente para a tv, como em seus canais Disney.

A cada filme, o selo da Disney Princess agrega uma nova integrante, hoje é composta por Branca de Neve, Cinderella, Aurora, Ariel, Bella, Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana, Rapunzel, Merida, e a mais recém coroada, Moana, apesar de que a própria personagem não se denomina uma princesa em seu filme, e sim, a filha do chefe da tribo. Apesar do recorde de bilheteria, Elsa e Anna, as irmãs de “Frozen, Uma Aventura Congelante” não entraram no seleto grupo da marca por um motivo simplesmente capitalista: a franquia própria lucra muito por si só, sendo assim, não seria interessante as irmãs participarem de um amplo grupo se faturam tanto sozinhas. A franquia integrou filme após filme uma nova personagem, porém, durante o passar do tempo, outras foram retiradas, segundo Jaciara Lins Draeger (2015, p. 37)

As integrantes da franquia já passaram por diversas variações, como a fada Sininho que pertencia a primeira versão, mas foi retirada e se tornou líder da franquia Disney Fadas, ou Esmeralda do Corcunda de Notre Dame (1996), que pertencia ao grupo até 2005, e que merece um destaque por representar uma minoria, os ciganos, e seguir a linha contestadora de papéis de classe e de



gênero, que as princesas da mesma geração estavam demonstrando em menor ou maior grau.

Encontrei uma forma de analisar as princesas uma a uma, em ordem cronológica, de maneira a melhor observar suas mudanças de personalidade, lendo a monografia de Draeger (2015), que menciona a dissertação de mestrado de Christine M. Yzaguirre, “A Whole New World? The Evolution of Disney Animated Heroines from Snow White to Mulan”. De acordo com a divisão das personagens estabelecida por Yzaguirre (2006 apud Draeger 2015), existe uma clara divisão entre as heroínas mais antigas - Branca de Neve, Cinderela e Aurora - e as do fim do século passado – Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas e Mulan – e uma evolução nas mais recentes com relação ao anseio por aventura e satisfação pessoal antes do desejo por uma relação romântica, sendo Pocahontas a exceção que permanece, por escolha própria, solteira no fim da história. As heroínas mais recentes são mais rebeldes do que as outras, rejeitando seus papéis sociais ao invés de aceitá-los mesmo contra vontade. Yzaguirre argumenta ainda que as ações das princesas mais novas possuem mais ênfase que sua beleza física, elas possuem uma personalidade forte.

Tendo em vista as princesas que vieram após 2009, Breder (2013) criou uma nova divisão com as princesas que vieram depois de Mulan: Tiana, Rapunzel e Merida. Gerando assim as categorias: **Princesas Clássicas, Princesas Rebeldes e Princesas Contemporâneas.**

“*Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?*” é uma daquelas frases inesquecíveis, que marcou gerações e ainda permeia as brincadeiras de crianças. Pequenas bruxinhas seguram seu espelho imaginário e repetem a frase da primeira grande vilã dos filmes de princesas encantadas do mundo mágico de Walt Disney, a Rainha Má, em Branca de Neve e os Sete Anões, de 1938 (*Snow White and the Seven Dwarfs*), trouxe às telas além de uma tecnologia nunca antes vista, uma figura feminina aos moldes ideais da época, cheia de delicadeza, pureza e a tão perceptível submissão à figura masculina.

Além das características já cercadas pelo machismo, nesse filme, a grande rivalidade feminina baseada em busca de ideais de beleza inalcançáveis e a disputa inútil pelo amor do pai da menina, que amava as duas de maneira igual, porém, em um delírio solitário, a madrasta acreditava que a beleza da menina roubaria todo amor de seu pai e assim, ela o perderia, assim como o título e o reino, situação fora de cogitação para a mesma.

Neste mesmo filme, podemos frisar também a representação da figura do homem como solução e única forma de amor verdadeiro e final no estilo “felizes para sempre”, visto que a espera pelo príncipe encantado é muito frisada nos filmes de princesas consideradas clássicas: a felicidade do final perfeito só acontece quando o príncipe encontra a princesa e eles se casam.

Branca de Neve faz parte do grupo que Breder (2013) chama de Princesa Clássica e faz parte da primeira geração de princesas dos filmes Disney, princesas tradicionais, com valores conservadores, assim como Cinderela (1950) e Aurora, do filme “*A Bela Adormecida*” (1959).

Em Cinderela, a filha única de um viúvo fica aos cuidados da madrasta quando seu pai morre em uma viagem, sendo feita de escrava dentro de sua própria. Quando todas as jovens do reino são convidadas para que o príncipe possa escolher uma noiva nesta noite, Cinderela sonha que finalmente tudo pode mudar. Com a condição de só poder ir ao baile quando terminar suas tarefas, Cinderela termina a tempo, mas não pode ir ao baile, pois seu vestido é arruinado por suas irmãs. Triste por não ter a chance de ir ao baile, Cinderela é agraciada pela aparição da Fada Madrinha, que lhe concede uma carruagem feita de abóbora, cocheiro e lacaios que são na verdade seus amigos animais transformados e um vestido maravilhoso na cor azul com inacreditáveis sapatinhos de cristal. A Fada a avisa que à meia noite o feitiço se encerrará e tudo voltará ao que era antes.

Cinderela vai ao baile e brilha, encantando o príncipe com sua doçura e beleza, porém, à meia noite sai correndo e deixa cair seu sapatinho de cristal, símbolo máximo dessa história. O príncipe, apaixonado, faz todo seu exército procurar a bela jovem do baile, indo a cada residência do reino, pedindo para que toda moça solteira experimente o precioso sapatinho de cristal. Quando Cinderela o experimenta, prova que era a moça certa do baile, entra em sua carruagem com seu príncipe e tem seu feliz para sempre.

A última do ‘time’ das Princesas Clássicas é Aurora, a princesa do filme “*A Bela Adormecida*”, de 1959 e como os anteriores, é baseado em um conto de fadas como discutido anteriormente e adocicado pelos Estúdios Disney. Princesa Aurora é a filha tão desejada do Rei e da Rainha do reino, e durante uma grande festa para celebrar seu nascimento é amaldiçoada por uma bruxa, **Malévola**. A maldição é a morte da menina em seu aniversário de dezesseis anos, quando a mesma espetará seu dedo em uma roca de fiar. O rei imediatamente manda queimar todas as rocas, para que nada acontecesse à Aurora e as três fadas se transformam em comuns mortais para protegê-la.

No seu aniversário de dezesseis anos, Aurora conhece Phillip na floresta e acabam se apaixonando. À noite, Aurora é levada ao castelo, seu verdadeiro lar e vão embora e, é nesse momento que Malévola reaparece, enfeitiça a jovem e a leva para que seu destino seja cumprido como ela desejava, no dia de seu nascimento: a põe frente a uma roca de fiar. As fadas ainda conseguem perceber o que iria acontecer e tentam salvá-la, mas Malévola consegue fazer com que Aurora fure o dedo e caia em sono profundo.

O príncipe Phillip batalha com Malévola, mas com a espada dada pelas fadas, derrota a bruxa com um golpe no coração. Ele beija Aurora e quebra a maldição, acordando não só a princesa, mas todo o reino.

Pensando nas representações femininas mostradas pela Disney a partir de 1937, com Branca de Neve, podemos citar Kaplan (1995) e sua classificação feita para as representações da mesma a partir de 1930, separadas em três tipos, começando pela ‘mulher “cúmplice”, que renuncia aos seus sentimentos pessoais e à sua realização individual, assumindo uma postura frágil’ na qual Branca de Neve (1937), Cinderela (1950) e Aurora (1959) se encaixam perfeitamente, visto a postura e características que assumem, como “princesas que são quietas, elegantes, graciosas, românticas, compassivas, gentis, resilientes, ou seja, a típica donzela em perigo” segundo Moreira e Portela (2018). São mulheres que não tem ideias, vontades, voz própria, a mercê do que o patriarcado lhes reserva e ainda a representação da gratidão por terem sido ‘salvas’. Segundo Breder (2013);

É um claro reflexo da ideia de “mulher ideal” propagada até o começo do século XX: a mulher que ficava em casa, cuidando dos afazeres domésticos (e, futuramente, também dos filhos), e não deveria fazer apenas por obrigação, mas demonstrando prazer em tais atividades, tendo orgulho de ser uma boa dona de casa. É a princesa de um mundo anterior à Segunda Guerra Mundial, quando as mulheres ainda estavam bem longe do mercado de trabalho. (BREDER, 2013)

Refletindo sobre a postura de cada uma de maneira individual em suas próprias obras de Walt Disney, mas primeiramente as associando por um ponto em comum bastante evidente não somente nestas três princesas, mas em todas as que sucedem também: a beleza. Branca de Neve passa por tudo que a narrativa mostra ao espectador por um único motivo: ser muito bonita, ao ponto de dar inveja e despertar um sentimento de inveja em sua própria madrasta.

Cinderela, além de ficar órfã de pai e mãe, também sofre na mão de sua madrasta, citada no filme como “mulher cruel, hipócrita e extremamente invejosa dos encantos e da beleza de Cinderela” e de suas irmãs. Entretanto, a narradora diz que apesar de tudo, a menina continuava a mesma: “gentil e bondosa e cada manhã, ao despertar tinha esperança de que um dia o seu sonho de felicidade iria se realizar”.

Aurora já tem sua beleza anunciada quando o narrador do filme explica o motivo deste nome ter sido dado à princesa: “(...) nasceu-lhes uma linda menina a qual deram o nome de Aurora, deram-lhe o nome da luz da manhã, porque a menina veio iluminar suas vidas as suas vidas como um raio de sol”.

Algo em comum nas duas obras é a maneira como as duas acatam o serviço doméstico com uma ‘felicidade’, visto que nesta época era função da mulher, uma obrigação. Branca de Neve tem curiosidade, entra devagar na casa com os animais da floresta vendo as pequenas cadeiras, associa que ali devem morar crianças. Olhando para a mesa de jantar, diz que elas devem ser “desmazeladas”, se referindo ao descuido em limpar. Quando encontra uma meia na mesa suja e bagunçada, ela exclama “- UMA MEIA!” e cai na gargalhada, depois segue investigando a desordem, vendo poeira, bagunça, louça suja em pilha e então pensa sobre a mãe deles e conclui que eles devem ser órfãos. Logo após diz aos amigos animais que, se eles limpem a casa, talvez ela possa ali ficar, então, divide as tarefas com os animais e inicia a limpeza pesada com uma canção, que diz:

Pra quem vai trabalhar  
 Há uma coisa que evita o tempo demorar  
 Aprenda uma canção,  
 Que isso ajuda muito a tarefa terminar  
 É fácil de aprender  
 Qualquer uma canção  
 E você vai achar que isso faz alegre o coração  
 (...) E com muita alegria é mais fácil trabalhar.  
 Branca de Neve e os Sete Anões (1938)

A canção incentiva a fazer o trabalho doméstico com leveza e alegria. Em dado momento os anões a descobrem no andar de cima e Zangado quer que ela vá embora, mas Branca de Neve explica que não pode ir por medo de sua madrasta e, caso eles a deixam ficar, ela oferece tomar conta de tudo: “ - Eu lavo, varro, costuro, cozinho..” e todos os anões se animam com a oferta do cozinhar, perguntando sobre pratos que ela sabe fazer e, quando ela diz que faz boas tortas e bons pudins, todos os anões - menos Zangado- aparecem pulando com suas toucas na mão gritando “- Então fica!”. E assim, Branca de Neve desce as escadas apressada para provar a sopa que já havia deixado na lareira, cumprindo a oferta de cuidar deles e expressando muita gratidão.

Cinderela, por sua vez, é obrigada a virar serviçal da sua própria casa e faz tudo com relativa alegria mesmo aquilo sendo uma forma de punição que a madrasta usa por não poder se livrar da jovem. Durante o decorrer do filme, em nenhum momento ela tem algum rompante de coragem ou força para alterar seu destino, aceitando passivamente sua privação de livre arbítrio, sua vida de serva.

Aurora é a única que não é obrigada a vida de serviço doméstico, mas ainda assim é privada da vida de luxo e conforto que teria no castelo como filha única do Rei para evitar que a profecia se concretizasse, o que, como citado anteriormente, não teve o efeito esperado pois no dia de seu aniversário, enfeitada por Malévola, a jovem furou seu dedo e adormeceu.

**As três princesas têm em comum a falta de iniciativa para mudar seus destinos:** Branca de Neve fica confortável em estar escondida, agindo como a mãe dos anões, Cinderela fica passiva aguardando que algo aconteça e Aurora não tem chance de se defender, pois não sabe que é amaldiçoada.

Uma observação importante a se fazer sobre as princesas clássicas é que, apesar de representarem um modelo feminino no qual as mulheres contemporâneas não se encaixam e não desejam mais se encaixar, ainda são muito fortes no imaginário infantil e em suas representações de faz de conta. Paola Basso Menna Barreto Gomes, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defendeu em 2000 sua dissertação de mestrado sob o título “Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo”, e nele, destaca o seguinte trecho sobre as princesas clássicas:

Destacando-se dos demais personagens, que, quando não eram caricaturais, representavam crianças ou personagens coadjuvantes, essas princesas formavam uma tríade absoluta de modelização feminina difundida pela corporação durante todos os anos 60, 70 e grande parte dos 80. Somente trinta anos depois do lançamento de *A Bela Adormecida*, com o surgimento de *A Pequena Sereia*, em 1989, é que a Disney volta a produzir filmes protagonizados por “princesas”. (GOMES, 2000)

Durante esse hiato de produções sobre princesas, o mundo mudou e evoluiu tanto quanto a qualidade das produções de Walt Disney. Breder cita com base em Hobsbawn a era de ouro do capitalismo, após o fim da guerra e como os Estados Unidos se destacaram como uma potência, lembrando que ter uma geladeira e uma lavadora de roupas deixa de ser luxo e passa a ser um conforto desejado:

Dessa forma, o ideal deixa de ser a mulher dona de casa e torna-se a mulher que conquista um marido que possa lhe dar tal conforto, que a livra dos afazeres domésticos. É a partir daí, com o maior tempo livre gerado pela ‘mecanização das tarefas domésticas (em especial a máquina de lavar) e o aumento de alimentos preparados e de pronto cozimento’ (HOBSBAWN;2005 p. 312) que a entrada da mulher no mercado de trabalho começa a se tornar possível. (BREDER, 2013)

A partir de 1989, vinte anos depois, surge uma nova leva de princesas, das quais as personagens não se parecem com as três primeiras que Walt Disney lançou: tanto em aparência quanto em personalidades. As princesas que estrelaram os filmes a partir desta data mostravam um novo estereótipo feminino. Eveline Lima de Castro Aguiar e Marina Kataoka Barros expõe em seu trabalho sobre a construção destas novas personagens:

O pensamento de uma época influencia o processo de formação da identidade, que pode ser verificado nas narrativas e, portanto,

nas representações. Os contos de fadas refletem este pensamento, pois seus personagens e a história são fruto do imaginário de um dado momento histórico. Assim, sob a influência deste novo período, com aspirações femininas inovadoras, a Disney criou princesas atreladas à realidade vigente – independentes, questionadoras, determinadas e obstinadas – velando pela diferença étnica, que atendia aos padrões de globalização que despontavam no período. Estas princesas – Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas e Mulan – não esperam o príncipe encantado de “braços cruzados”; elas orientam o próprio destino e assumem o papel de salvação e resgate dos seus amados para viverem sua história de amor. (AGUIAR; BARROS. 2015)

Uma sereia de cabelos vermelhos, cauda verde água e conchas lilases que servem como sutiã surgia com sua voz impecável e seus olhos azuis como a sua morada para ser a nova protagonista Disney e ter seu nome gravado entre as Princesas Disney mais queridas das crianças e que abre a era das princesas denominadas por Breder como “Princesas Rebeldes”: Ariel, do filme “A Pequena Sereia (*The Little Mermaid*, 1989).

Apesar do filme ter praticamente o nome da protagonista, a introdução do filme tem sua primeira cena retratando o futuro par romântico da princesa, Príncipe Eric. Apesar disso, logo Ariel, uma sereia adolescente, filha de Rei Tritão e da Rainha Athena, que não é mencionada neste filme, é apresentada e se mostra entediada com sua vida debaixo d’água, querendo saber como é a vida no mundo dos humanos, como retratado na música:

O que eu daria pela magia de ser humana  
Eu pagaria por um só dia poder viver  
Com aquela gente, ir conviver e ficar  
Fora destas águas  
Eu desejo, eu almejo, esse prazer

Eu quero saber o que sabem lá  
Fazer perguntas e ouvir respostas  
O que é o fogo? O que é queimar?  
Lá eu vou, ver

Quero saber, quero morar  
Naquele mundo cheio de ar  
Quero viver, não quero ser  
Mais deste mar  
(Parte do Seu Mundo - A Pequena Sereia, 1989)

Ariel vê na superfície o barco de Eric afundar e nada ao ver o príncipe afundando, salvando-o. Ainda na praia, Eric chega a vê-la contra a luz do sol, mas foge ao perceber mais humanos se aproximando e vê o resgate do príncipe do mar. Decidida a ser humana, Ariel busca Úrsula, a bruxa do mar. A próxima cena mostra Úrsula, a grande vilã deste filme. Ela mostra a Ariel que pode transformá-la durante três dias e nesse espaço de tempo tem que conseguir o

beijo do amor verdadeiro do príncipe apaixonado. Caso tenha sucesso na missão, para sempre será humana, porém, se falhar, voltará a ser sereia e pertencerá à Úrsula.

Mesmo ponderando as perdas das duas opções em dúvida do que deve escolher, a bruxa lhe lembra do pagamento e diz que quer apenas a voz da sereia, que fica em dúvida sobre como falará e conquistará o príncipe sem falar, mas ainda assim, entrega sua incrível e doce voz para a Úrsula, que é guardada em uma concha enquanto a princesa deixa de ser sereia ali mesmo, na caverna, sendo amparada pelos seus amigos Linguado e Sebastião após virar humana para que não morra afogada no fundo do mar. Ariel é levada à beira da praia e percebe que tem pernas, percebendo que o feitiço funcionou. O cachorro de príncipe Eric chega até Ariel e a reconhece, latindo e lambendo-a no rosto e seu barulho atrai o príncipe até lá. Apesar de se encantar pela jovem e a achá-la familiar, como Ariel não tem voz, logo, ele deduz que não seja ela a quem ele tanto procura, porém, se propõe a ajudá-la, levando-a ao seu castelo. Eric convida Ariel para um passeio pelo reino no dia seguinte e visivelmente já estão muito encantados um pelo outro.

No dia seguinte, Eric é enfeitiçado por Úrsula e anuncia que achou sua preterida e vai se casar com ela, deixando Ariel desolada. O casamento é marcado para o fim da tarde, em um barco da realeza e, durante uma confusão, Ariel chega ao barco bem no momento em que a concha se quebra e a jovem recupera sua voz, assim, podendo contar a verdade a seu amor, porém, no momento do beijo de amor verdadeiro, o sol se põe, Ariel vira novamente uma sereia e é arrastada para o fundo do mar pela bruxa do mar que enfrenta o Rei Tritão.

Apesar da tentativa de salvar a filha, Tritão não consegue desfazer o acordo assinado por Ariel e faz uma troca com Úrsula, trocando seu poder pela troca da liberdade de Ariel. Em um ato de amor, Eric segue adentrando ao mar para salvar Ariel, com a palavra de quem não pode perder novamente seu amor. Em uma batalha, Úrsula mostra todo seu poder e Eric usa seu conhecimento em navegação para se salvar, proteger Ariel e atingir Úrsula, que morre libertando todos os habitantes do mar da maldição da bruxa.

Na cena final, Tritão compreende que Ariel precisa viver esse amor e apesar da saudade que sentirá de sua pequena sereia, dando-lhe pernas para que ela possa correr até seu amor. Ariel e Eric se casam sob a benção de Tritão e acenos das criaturas do mar.

O filme da sereia que quer ter pernas e correr atrás do seu amor foi realizado numa época em que o papel da mulher não era o mesmo de Branca de Neve, por exemplo. “A mulher “resistente”, que surge no século XX com sua integração ao mercado de trabalho e sua emancipação financeira, graças ao movimento feminista” (KAPLAN, 1995 apud BRAGA; COSTA, 2002, p. 107) e esse é o papel que Ariel abre caminho: a rebeldia da adolescência

confronta seu pai, feito nunca antes realizado por uma princesa em nenhum grau. Ariel se mostra entediada no mar, querendo explorar novos horizontes, mas, por imposição de seu pai, não pode realizar os seus desejos. Quando se apaixona por Eric, o amor que nasce dentro da jovem é o estopim que ela precisa para confrontar o pai e tomar as rédeas de sua vida.

Mesmo não realizando a escolha de maneira mais adequada, Ariel teve coragem para negociar com a vilã sem pedir permissão a seu pai e assim, realizar seu sonho, podendo ir atrás de seu amor mesmo que para isso tenha dado a bruxa um de seus bens mais preciosos: sua própria e incrível voz. Draeger (2015) associa essa decisão de Ariel como “Abrir mão de sua voz pode ser interpretado como abrir mão de um direito, do poder de se expressar.”, visto que durante sua passagem humana na vida de Eric, ela não consegue nem mesmo contar a ele seu próprio nome, sendo dependente dos seus amigos ou da interpretação do próprio príncipe para se expressar efetivamente, além disso, caso não consiga o beijo do amor verdadeiro, será prisioneira de Úrsula até o fim de seus dias.

Uma das questões mais incômodas no filme quando o assistimos em pleno século XXI é a canção em que Úrsula afirma que homens adoram “mulheres caladinhas”, que se a mulher ficar falando ‘o dia inteiro’ ele vai embora e que “só as bem quietinhas vão casar”, afirmando que para uma mulher ser ‘aceita’ por um homem, ela não tem o direito de se expressar, precisa estar abaixo dele, sem ao menos poder falar.

Outro ponto importante a se observar com atenção é o fato de que, apesar de tudo que Ariel faz para ser livre e viver sua vida como sonha, ela acaba, como as princesas clássicas, pois “(...) uma vez como humana, ela novamente é a princesa que necessita do príncipe para salvá-la. O feitiço tem duração limitada e ela terá um fim trágico se não conquistar um beijo de seu amado.” (Draeger, 2005). Ariel é salva por seu príncipe, Eric, e em seu caso particular, também por seu pai, pois Eric a salva de Úrsula, a grande vilã do filme e por seu pai, o Rei Tritão, que vendo o amor do rapaz por sua filha, lhe concede ter pernas com os poderes de seu tridente, mesmo dizendo que sentirá saudades da jovem, assim, lhe dando permissão para viver o amor e realizar o sonho de viver na superfície entre os humanos. Beauvoir (1963, p.33) diz que “a suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépidas, aventureiras, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza”, fazendo de Ariel uma princesa que realmente difere das anteriores, mas termina como todas.

Apenas dois anos da estreia de *A Pequena Sereia*, em 1991, os Estúdios Disney lançaram um filme que também entraria para os clássicos do mundo da animação, por seu sucesso estrondoso da época: *A Bela e a Fera* (*Beauty and the Beast*, 1991). O filme venceu o Globo de



Ouro na categoria Melhor Filme - Musical ou Comédia e também se consagrou como primeiro filme de animação a ser indicado para o Oscar de Melhor Filme, visto que a indicação ao Oscar de Branca de Neve e os Sete Anões foi em melhor canção, porém, Walt Disney levou um Oscar Honorário para casa, como já foi citado no presente trabalho. O filme “A Bela e a Fera” ganhou o Oscar de Melhor Trilha Sonora e Melhor Canção Original por sua canção-título.

Com a personagem principal de nome Bela, tão bonita quanto seu nome e que usa algo além da beleza para conquistar o público: seu amor pelos livros e pela leitura, algo que não aparece nos filmes anteriores. O príncipe dessa história, a Fera do título do filme também é o vilão, criando uma relação de amor e ódio, dor e compaixão por sua condição, visto que o príncipe está enfeitiçado e, para desfazer o feitiço, precisaria do amor verdadeiro e recíproco.

“A Bela e a Fera” se passa na França, por volta do século XVIII. Após uma velha mendiga bater na porta do castelo do belo, egoísta e mimado príncipe, oferecendo uma rosa em troca de abrigo na noite fria e sendo rejeitada por sua horrenda aparência, a mendiga se revela uma feiticeira belíssima. Diante do pedido de perdão do príncipe, a feiticeira nega e o castiga o transformando em uma fera terrível. A maldição recai sobre os funcionários da casa, que são transformados em objetos da casa, como bule, xícara candelabro, porém, ainda conservam a humanidade, falando, pensando e se movimentando pelo castelo.

O príncipe teria a companhia de dois objetos mágicos a partir de agora: um espelho, única janela que ele teria para o mundo exterior e a rosa, que era encantada e floresceria até o seu vigésimo primeiro aniversário, e ele teria esse tempo para aprender amar e ser amado, antes que a última pétala da rosa caísse. Caso não conseguisse, não teria o feitiço desfeito e ficaria nesta condição e aparência para sempre. Quanto mais o tempo passou, mais desesperado ele ficava, pois, se perguntava quem o amaria naquela forma.

Bela, a princesa deste filme, vive em uma aldeia e é amante dos livros, por isso, é considerada estranha para o povo do vilarejo onde vive. Além de sua inteligência, a beleza da jovem é muito comentada e por isso, ela vive sendo galanteada pelo caçador Gaston, entretanto, seu comportamento é primitivo, o que ele considera um elogio e causa repulsa em Bela.

O pai de Bela é um senhor de ideias grandiosas, inventor singular e, ao levar sua invenção até uma feira de invenções pega um atalho e se perde e entra no castelo da Fera sem saber o que o aguarda. Ao anunciar sua presença, é recebido muito bem pelos empregados/objetos animados de Fera, porém, ao perceber o intruso, Fera o faz prisioneiro. Quando Bela percebe que algo está errado vai até o castelo da Fera buscando seu pai. Os objetos animados tem esperança que seja ela a pessoa que quebrará o feitiço.

Ao encontrar seu pai, preso e doente, Bela tenta libertá-lo e num ato de altruísmo se oferece prisioneira no lugar do pai. A jovem é irredutível no começo, chegando a ir ao cômodo proibido. Depois de fugir do castelo, Bela é seguida pelos lobos, mas Fera salva a jovem, ficando gravemente ferido. Bela tem a escolha de fugir ou de levar Fera ao castelo, e compadecida de sua situação e grata por ter sido salva, volta para o castelo, onde cuida dele.

No castelo, Fera tenta ser gentil com Bela depois do ato da jovem e assim, a apresenta a biblioteca do castelo: uma sala enorme, com vários e vários andares, repleta de livros. Bela se encanta dizendo que nunca viu algo do tipo e assim, Fera dá de presente a biblioteca à jovem. Durante o tempo no castelo, eles vão se encantando um pelo outro.

Em uma noite, Fera questiona a felicidade de Bela no castelo e a jovem diz que está feliz, mas sente falta de seu pai. Fera entrega a Bela o espelho para que ela possa ver seu pai e a jovem o vê no meio da floresta, doente e sozinho, e demonstrando compaixão e em um ato de amor pela jovem, liberta Bela para que ela possa cuidar de seu pai, mesmo sabendo que tem pouco tempo.

Bela resgata seu pai que se anima em vê-la e a jovem conta que Fera a libertou, que está mudado. Gaston sente ciúmes de como Bela se refere à Fera, a enfrenta e como vingança, instiga a população a ir atrás da Fera para matá-la, antes, trancando Bela e seu pai num porão, para que eles não possam impedir.

Gaston lidera a população até o castelo, cheio de ódio e ciúmes, avisando a todos que podem saquear o castelo, mas que deixem com ele a Fera, que está triste e fica inerte à situação. Gaston encontra Fera e o ataca, flechando-o e o atirando pela janela em direção ao telhado. À beira de cair para a morte e sem contra-atacar o vilão, Bela grita temendo pela vida de Fera, que reage ao vê-la. Gaston tenta escapar, pois percebe que não terá chance, mas, mesmo com a oportunidade de findar sua vida, Fera o poupa, pois Bela o mudou e o transformou em um novo ser, assim, o mesmo solta Gaston e o expulsa, mas em um momento de distração aproveita e defere uma facada em suas costas, porém se desequilibra e cai, encerrando o ciclo de maldade e perseguição com Bela. Fera é salvo por Bela de cair, porém, ainda assim morre nos braços da jovem após mostrar a felicidade em vê-la uma última vez. A jovem chora ao ver o monstro morrer e declara seu amor a ele ao mesmo tempo em que a última pétala se desprende da Rosa Encantada. Quando tudo parecia acabado, uma chuva de magia colorida cai do céu e liberta Fera da maldição, para o espanto de Bela e os empregados de Fera.

Bela e seu amor verdadeiro pela Fera no último instante possível encerra a maldição e a coroação desse momento é o, finalmente, beijo de amor verdadeiro, fazendo com que todos retornem a sua forma original, Fera e os empregados do castelo.

Bela não possui sangue nobre, mas, mais do que isso, ela possui o saber. Leitora voraz, ela se destoa das pessoas simples da vila que não se interessam por livros e por isso, a classificam como estranha, porém, bonita, muito bonita. A jovem não se interessa por beleza, ela quer algo além de um homem em sua vida e sendo assim, resiste a todas as tentativas de galanteio de Gaston, o rapaz por quem todas as jovens do vilarejo são apaixonadas. A jovem não permite que ofendam seu pai e luta por seu direito de não ter que ceder ao vilão deste filme, diferente das outras princesas que tinham um comportamento mais passivo em relação a tudo.

(...) Bela dispensa o que seria o marido ideal e se sacrifica para salvar o pai, capturado pela Fera. Se por um lado o rejeitado Gaston afirma que mulheres não deveriam ler, apenas cuidar da casa e dos filhos, por outro a Fera (na verdade um príncipe sob uma maldição) dá a Bela uma biblioteca como presente. A personagem é a primeira do estúdio a não precisar abandonar sua vida anterior em nome do príncipe. Sim, ela vai para o castelo, mas não abandona seu hábito de leitura, nem seu pai, nem deixa de apoiar as invenções dele, que antes era chamado de “velho louco” na aldeia. (LIMA; ANTUNES; PEREIRA, 2018, p. 35)

Suas aspirações estão além do trivial, ela sonha em deixar a vida do interior. Quando precisa morar no castelo, não deixa sua essência para trás e é dessa maneira que consegue conquistar Fera: com sua gentileza. Bela é na realidade uma jovem comum que salva o príncipe, não o inverso, fugindo do roteiro tradicional até mesmo no amor.

Ao final do filme, a valsa não é um casamento, pois não há vestido branco nem algo que relacione a cerimônia, assim como Aurora, mas não restam dúvidas de que é o final feliz clássico que ocorre também nessa história.

Em 1992, é apresentada a primeira princesa Disney no qual o filme não leva seu nome: Jasmine, a personagem e princesa árabe de Aladdin (Aladdin, 1992). O filme se passa no século IX, em algum lugar do Oriente Médio, onde o grande vilão desse filme, Jafar, está em busca lâmpada mágica que possui em seu interior um gênio, que está na Caverna das Maravilhas, porém, a entrada da caverna permite apenas pessoas generosas. Aladdin é apresentado logo depois, roubando comida e sendo insultado por um membro da realeza, que diz que o menino para sempre será um ladrão.

Jasmine espanta todos os seus pretendentes, pois não deseja um casamento arranjado com um príncipe como a lei obriga e seu pai, o Sultão, também, assim Jasmine foge para poder viver sua vida como deseja e assim, acaba conhecendo Aladdin e Abu, que a salva de uma acusação de roubo. Os dois fogem e descobrem que tem muito em comum, como a sensação de se sentir preso, dentro da realidade de cada um.

A princesa se revela ao ter que ordenar liberdade aos guardas que vieram prender Aladdin por ordem de Jafar, que sabe que ele é o coração puro que ele precisa para recuperar a Lâmpada Mágica. Aladdin é enganado por Jafar, que o convence a ir até a Caverna e permite sua entrada e a de Abu. Orientados pelo Tapete Mágico, a dupla vasculha a caverna em busca do tesouro e mesmo orientado a não tocar em nada, Abu não resiste e pega um rubi proibido no mesmo momento em que Aladdin encontra a lâmpada, fazendo a caverna desmoronar, mas são salvos pelo tapete. Preso na caverna, Aladdin esfrega a Lâmpada Mágica e liberta o gênio, que o concede três pedidos: o jovem usa o primeiro pedido para ser um príncipe, assim, poderá conquistar Jasmine.

Jafar quer se casar com Jasmine e engana Sultão para isso, porém, a princesa que o rejeita quando Aladdin se apresenta como Príncipe Ali, chegando à cidade com toda a pompa que a majestade poderia ter, despertando ciúme no vilão. Aceitando o convite de Aladdin para andar com ele em seu tapete mágico, Jasmine descobre quem o Príncipe Ali realmente é e, ao ser confrontado, não conta a verdade, inventando uma nova história, na qual ele se veste às vezes como plebeu para viver a vida fora do palácio. Jasmine confia e os dois dão o primeiro beijo, o que deixa os dois encantados.

Depois do passeio, Jafar o captura e o lança ao mar, para que nunca seja encontrado, deixando o caminho livre para o vilão, mas ele é salvo pelo Gênio gastando seu segundo desejo. De volta ao castelo, Aladdin conta o plano de Jafar, que foge depois de contar que a Lâmpada de Aladdin é mágica e o tornou um nobre e tem sua lâmpada roubada pelo vilão, que se torna o novo mestre de Gênio. O vilão usa seus dois primeiros pedidos para ser um Sultão e para tornar o feiticeiro mais poderoso de todo o mundo, assim, fazendo a princesa e seu pai se curvarem a ele por meio de seu poder, revelando a verdade sobre Aladdin e o enviando ao deserto nevado, evitando que ele ajude Jasmine e seu pai, que viram escravos de Jafar.

O vilão usa o terceiro pedido para que Jasmine se apaixone, porém, percebendo que nada acontece, ela o seduz, enganando-o para que Aladdin, recém-chegado com ajuda do Tapete Mágico, recupere a Lâmpada Mágica, porém, Jafar percebe, aprisiona Jasmine em uma grande ampulheta e para atacar Aladdin, se transforma em uma serpente gigantesca. O vilão se exhibe a Aladdin, dizendo o quanto poderoso é, porém, Aladdin o afronta, dizendo que Gênio é mais poderoso do que tudo, fazendo que Jafar gaste seu último desejo para se tornar um gênio também, porém, se esquece que gênios não são livres e acaba preso dentro de uma lâmpada mágica preta e enviado para a Caverna das Maravilhas.

Aladdin pede perdão a Jasmine pela mentira e se despede, e, mesmo com o apelo de Gênio para usar seu último desejo para ser príncipe novamente e poder se casar com Jasmine,

ele cumpre sua promessa e liberta Gênio. Sultão decide mudar a lei e permite o casamento que Jasmine decidir e ela escolhe Aladdin. A bordo do Tapete mágico, Jasmine e Aladdin saem juntos e felizes.

A história de Aladdin tem uma origem diferente das anteriores, como conta Breder (2013), pois essa não vem das histórias dos Irmãos Grimm, como algumas das anteriores:

(...) é baseado em uma das histórias de As mil e uma noites, coletânea de contos folclóricos do Oriente Médio. No texto, um rei casava-se todas as noites com uma mulher diferente, apenas para matá-la na manhã seguinte. Sherazade se oferece como noiva e começa a entretê-lo com diversas histórias todas as noites, salvando sua vida e a de todas as outras mulheres do reino. Uma das histórias que ela contaria é a de Aladim e sua lâmpada maravilhosa. Mais tarde, porém, descobriu-se que a história, embora já fosse conhecida no Oriente Médio, foi acrescentado à coletânea pelo francês Antoine Galland, no século XVIII, em sua tradução do original.

Jasmine é realmente uma princesa como nenhuma outra: Além de não ser branca ou ter olhos claros, é de origem árabe, apresenta uma cultura nova e uma etnia inédita a esse tipo de protagonista, tudo, pois segundo Breder (2013) a empresa visou ampliar seu público, criando princesas de etnias diferentes das anteriores e buscou inspirações além dos contos de fadas clássicos. Apesar de gentil e educada, Jasmine se encaixa no novo estereótipo de rebeldia, não desejando seguir as leis que a obrigam a casar com um nobre simplesmente por não querer casar por obrigação, por conta de sua idade, e sim, casar-se por amor, para desespero de seu pai, que deseja cumprir a tradição o mais rápido possível.

A filha do Sultão, além de ter uma personalidade forte, mostra que tem coragem ao espantar os pretendentes que seu pai arruma com a ajuda especial de seu tigre de estimação, retratado de maneira dócil e sendo muito amigo da princesa. Apesar de todo protagonismo dentro da história, Jasmine não deu seu nome ao filme e nem às suas sequências, sendo a única em anos no qual essa diferença ocorre até chegarmos em Elsa e Anna, do filme *Frozen: Uma Aventura Congelante*, que também não leva o nome das irmãs.

Três pontos importantes a se observar é a maneira como os árabes são retratados no filme, os trajes de Jasmine, sensuais e que deixam bastante pele a mostra não eram apropriadas nem corretas e o contraste social retratado no filme, algo inédito em criações desse tipo, que sempre exaltaram somente a nobreza e vez ou outra, o simples, nunca o verdadeiramente pobre:

Vale notar que a cultura árabe não é bem representada no longa. O castelo do Sultão tem arquitetura semelhante ao Taj Mahal, na Índia, bem longe dos países árabes, localizados no Oriente Médio e no norte da África. Além disso, é o único dos filmes analisados que mostra um castelo cheio de riquezas em contraste com uma

cidade pobre, onde crianças precisam furtar e passam fome, e mostra os soldados do castelo como homens violentos, em uma caracterização claramente pejorativa. E enquanto Jasmine se revolta contra as leis do reino, usa roupas reveladoras (historicamente incorretas) e seduz o vilão, a cultura árabe é fortemente ligada ao Islamismo, que prega o recato para as roupas femininas, além de esses países possuírem uma legislação que cerceia a liberdade feminina. (BREDEK, 2013).

Jasmine, apesar de impor sua vontade e não ceder, a jovem reflete sobre abrir mão de sua condição social e privilégios para ficar com Aladdin, o que não é preciso, pois Sultão, seu pai, altera a lei para que sua filha possa realizar seu sonho e amar quem ela escolheu sem abrir mão de nada, o que de certa forma a encaixa no mesmo lugar de todas as princesas anteriores que são salvas, independente de que maneira, por um homem.

Em 1995, outra princesa de nova etnia surge para mostrar a cultura dos índios norte americanos e a chegada dos colonos ingleses da maneira Disney: Pocahontas, do filme de mesmo nome. Pocahontas é baseado em uma personagem real, a única entre todas as princesas a realmente ter existido. Quando a história estreou nos cinemas, a veracidade em como a história foi retratada foi muito criticada pela falta de precisão na apresentação da lenda da jovem indígena, mas ainda assim foi um grande sucesso de bilheteria, ganhou alguns prêmios e teve sua maior vitória no Oscar, onde ganhou dois prêmios: Melhor Trilha Musical ou Comédia e Melhor Canção Original com a canção Cores do Vento (*Colors of the Wind, 1995*), interpretada pela princesa.

O filme gira em 1607, quando um navio de colonos britânicos viaja para o Novo Mundo em busca de ouro. Durante a viagem, o navio é pego por uma violenta tempestade e o capitão, John Smith salva um rapaz de se afogar.

Ao mostrar a tribo de Pocahontas, a indígena é mostrada como um espírito livre e corajoso e no encontro com seu pai, o homem fala sobre seu desejo que ela se case com o mais bravo guerreiro da tribo, um jovem forte e bonito, porém, muito sério para jovem, não sendo compatível com seu espírito livre. De presente, o pai dá a filha o colar que a mãe de Pocahontas usou no casamento, mas a ideia de estabilidade não a agrada muito. Pocahontas e seus amigos animais vão visitar sua avó, Willow, um grande salgueiro. E durante a conversa sobre suas dúvidas, Pocahontas avista do topo da árvore a chegada dos ingleses.

O Governador e John conversam sobre a chegada e sobre não deixar os ‘selvagens’ os atrapalharem, pensando no sucesso que terão. A tribo se reúne para ver algo sobre eles com seus guias espirituais, no objetivo de se preparar. A visão é a pior possível com violência, tiros e ataques. Apesar da vontade da tribo ser que a presença deles seja passageira, enquanto isso, o

Governador já fincou sua bandeira, tomando posse da terra e já solicitando à tripulação cavar em busca de ouro.

Enquanto a tripulação escava, John explora a floresta observado por Pocahontas e quando percebe sua presença, quase atira em sua direção. Apesar de fugir num primeiro instante, John pede que ela volte e o encontro deles é cercado de magia e tem o vento guiando o encontro, com música como sua avó pediu que ela ouvisse quando algo assim acontecesse e assim, já estão ligados pela conexão que ocorreu à primeira vista.

Kocoum, o bravo guerreiro e outros guerreiros da tribo lutam com os ingleses, deixando-os feridos e causando a fúria dos homens brancos. Após ver o ferimento à bala de Kocoum, os indígenas se preocupam com o que pode ocorrer com a tribo, fazendo com que o Chefe convoque as outras tribos para o combate e proíbe o contato com os ingleses, o que é bastante difícil para Pocahontas no momento, principalmente com John indo a buscar. A indígena o leva para conhecer vovó Willow, que os protege de dois homens que buscam John. Eles se despedem, porém, combinam de se encontrar à noite, mas seu plano não vinga, pois as tribos chegaram para ajudar. A jovem tenta convencer seu pai de impedir o combate, mas é em vão. Do outro lado, John também tenta impedir o ataque aos indígenas, contando que não há ouro ali. Enfurecido pelo sentimento de traição, o Governador o condenará por traição quem avistar um nativo e não o matar.

Ao anoitecer, Pocahontas foge para encontrar John e sua amiga Nakoma conta para Kocoum que vai atrás da jovem e, assim como Thomas, enviado pelo Governador, os dois presenciam o beijo do casal, o que desperta ciúme em Kocoum, que ataca John, mas morre ao ser atingido por um tiro disparado por Thomas. Ao saber da notícia o Chefe Powhatan, pai de Pocahontas fica enfurecido e declara guerra aos ingleses, declarando que Smith será o primeiro deles a morrer.

Ao alertar a tripulação, Thomas conta que John agora está com os indígenas, o que faz com que os preparativos para a batalha comecem, apesar do duplo interesse do Governador: salvar John e procurar o ouro. A tribo também se prepara e enquanto isso, Pocahontas vai até Vovó Willow para lamentar o ocorrido. Ela então recebe o conselho mais precioso de sua avó: siga seu coração. Após ganhar de seu guaxinim uma bússola, compreende seu sonho sobre a flecha que gira e parte para seu destino guiada pelos espíritos da terra.

Pocahontas chega no momento da execução de Smith, impedindo que seu pai o mate, revelando seu amor pelo homem branco e mostrando ao pai que a batalha foi guiada pelo caminho do ódio, o que o faz refletir e desistir, enaltecendo a fala de sua filha e permitindo a união da filha com John. Apesar da amistosidade, o Governador deseja iniciar a batalha para a

invasão da terra e como não foi acompanhado de sua tripulação, decide sozinho atirar no chefe da tribo. Vendo o que está para acontecer, John entra na frente do pai de sua amada, tomando o tiro em seu lugar e enfurecendo seus amigos, que prendem o Governador e o enviam de volta para a Inglaterra acorrentado e amordaçado.

Sem opção, John precisa voltar a Inglaterra para salvar sua vida e Pocahontas faz uma última visita antes de sua partida, acompanhada das mulheres da tribo e de seu pai, que lhe dá a benção para voltar, sendo bem-vindo de volta. Após uma despedida dolorosa no qual ele pede que ela vá e seu pai lhe diz que é hora de fazer uma escolha. Pocahontas decide ficar com sua tribo e diz que estará sempre com Smith. Ao ver o navio partir, o vento que sempre a acompanha chega a John no navio, que dá um último adeus a sua amada.

Esse filme parte de uma temática incomum baseados nas anteriores, pois, por ser baseado em um personagem real de uma história americana com indícios históricos de ser uma história autêntica, o assunto abordado para chegar no devido romance de princesas Disney não é tão doce quanto os outros. Em “A representação feminina nos desenhos animados clássicos da Disney” de Kareen Arnhold Pimenta (2009), a história aceita como verdadeira é contada e mostra a alteração profunda que sofreu ao ser recontada pelos estúdios Disney:

Na história original, Pocahontas (1596-1617) era filha de um dos chefes indígenas mais poderosos da época – Powhatan –, que liderava mais de 25 tribos. Até os dias atuais, as tribos que descendem de seus súditos ainda trazem o nome de Powhatan como marca de respeito. Já o capitão inglês John Smith é descrito em várias cartas como um mercenário vulgar e mentiroso – não como o homem simpático, determinado e de bom coração que aparece no desenho animado. A verdadeira história da índia mostra Pocahontas como a figura ideal para reduzir as tensões onde vivia. Sendo a filha do chefe mais poderoso da região e um dos primeiros membros de sua tribo a aprender a língua do colonizador (aos 12 anos de idade), ela tornou-se a enviada de seu pai para as áreas colonizadas, onde negociava a paz. Porém, quando teve início um grande conflito entre os ingleses e os súditos de Powhatan, Pocahontas foi raptada pelos colonizadores que pediam a rendição do chefe indígena em troca da libertação de sua filha. Como a oferta foi negada, Pocahontas permaneceu em cativeiro por um ano, até que um inglês chamado John Rolfe decidiu casar-se com ela. Batizada cristã e casada com um britânico, ela selou a paz naquele conflito e foi com seu marido para a Inglaterra. Na viagem de volta à tribo, Pocahontas contraiu varíola e faleceu. Ao chegar ao Novo Mundo e descobrir que o grande chefe Powhatan também havia falecido, John Rolfe e seu filho começaram o conflito que destruiu a tribo da esposa e mãe. (PIMENTA, 2009)

Uma história de sangue, sequestro e violência como essa nunca poderia ser exibida por uma empresa como a Disney, fazendo que, ao ter a ideia de levá-la para as telas, muita coisa precisou ser alterada, descaracterizando o sentido da história e sua importância histórica.



O estereótipo da figura do indígena é algo importante a ser frisado, visto que o indígena bom é representado na figura de Pocahontas: amigo da floresta, da natureza, dos animais e guiado pelos espíritos e os maus representados por serem como são: guerreiros, protetores da tribo. A beleza de Pocahontas chama a atenção por seus longos cabelos negros, boca carnuda avermelhada e olhos bem contornados em preto, que vez ou outra conseguem expressar sensualidade, inclusive em uma cena de close nos olhos da indígena.

Apesar do final não ser o clássico esperado, com um “felizes para sempre”, Pocahontas escolhe permanecer na tribo por vontade própria, escolhendo permanecer no seu lugar, sua terra, assumindo a responsabilidade com seu povo, que também pode ser interpretado como um impedimento que dois sujeitos de mundos distantes se unam, sendo essa a mensagem que é transmitida visto que Ariel e Eric só ficaram juntos quando pertenceram ao mesmo mundo, Jasmine e Aladdin são de etnias iguais e Mulan e Shang, da próxima discussão também, pois ambos são chineses.

Mulan e seu exército chinês foi lançado em 1998, apresentando uma história atrevida e de maior coragem que todas as anteriores, pois nos mostra a bravura história da jovem princesa que vai para a guerra no lugar de seu pai, se passando por homem para realizar tal feito.

O filme tem início na muralha da China no momento que os hunos mortais a atacam liderados por Shan Yu que planeja tomar a China e com isso, o imperador, pai de Mulan convoca seu exército para defender a nação. Mulan logo é apresentada, uma jovem simples, brincando com seus animais. A jovem, única filha de Fa Zou e Fa Li está em preparação para ir a cidade, onde se apresenta a uma casamenteira, porém, o encontro é terrível, pois Mulan não se encaixa no estereótipo feminino necessário para encontrar um marido, e assim ela volta para casa frustrada, pensando que só poderá ser aceita não sendo mais ela mesma.

Já em casa, vê o conselheiro do império, Chi-Fu, chegando a sua aldeia e anunciando que, por conta da invasão dos hunos mortais um homem de cada família deverá servir na guerra. Mulan se revolta, pois sabe que por conta da idade, seu pai não está apto para tal desafio, mas seu pai avisa que, mesmo com a idade avançada e seus ferimentos de guerras anteriores, irá servir a seu país.

Mulan decide impedir seu pai de lutar na guerra e para isso, se apronta para ir em seu lugar, escondida da família. Com armadura e espada arrumadas, corta seus cabelos longos e pretos a fim de não ser reconhecida e sai com seu cavalo, Khan, quando anoitece, para o acampamento do exército. No caminho, conhece Mushu, um pequeno dragãozinho e um grilo da sorte. A jovem se passa por um guerreiro, já que mulheres não podem ir à guerra e, com o tempo ela consegue conquistar seu lugar, com sua sagacidade e inteligência consegue até

resolver um enigma dado pelo comandante, Shang, o que a faz ser respeitada pelos soldados. Durante um ataque, Mulan decide usar a inteligência ao invés da força bruta, usando fogos lançados na montanha coberta de neve e causando uma avalanche que cobre o exército rival e consegue salvar seu próprio exército, inclusive seu próprio comandante. Mulan se fere durante a ação e, quando ela desmaia, é socorrida pelo comandante e recebe a visita de um médico, que revela a ele que Ping, como é chamada por todos, não é homem e, sendo assim, recebe a ordem de matá-la. O comandante não executa a ordem, afinal, foi ela quem salvou sua vida durante o combate, mas, mesmo assim, é instruída a voltar para casa, o que ela não obedece. Mulan recebe informações de que o exército que ela atacou está vivo e indo para a Cidade Imperial da China, então, a jovem corre para avisar Shang sobre o perigo que estão correndo. Em uma postura machista, ele a ignora por ela ser mulher.

Shan Yu, que lidera o exército dos hunos consegue capturar o Imperador e, Shang ao tentar salvá-lo, falha na missão. Mulan, Shang, Yao e Chien Po escalam juntos o palácio, a fim de alcançar o imperador, porém, a jovem fica para ajudar o comandante, pois durante a luta para resgatar o imperador, Shang está sendo vencido. Mulan o defende e revela que ela era o soldado das montanhas, deixando Shan Yu furioso.

Mulan, ajudada por Mushu, salva a todos, mas, apesar do ato, o conselheiro do Imperador fica furioso e pede punição a Mulan, que é defendida pelo comandante Shang. Durante a discussão, o imperador chega, conta que conhece sua história e seus feitos, dando mérito pela salvação de todos e se curvando diante da jovem. Ao redor, ela observa todo o povo da China se curvando também diante dela. O Imperador lhe oferece um cargo ao lado dele, como conselheira, mas Mulan recusa dizendo que é hora de voltar para casa, então, o Imperador lhe oferece uma medalha de honra, para que mostre a família e saibam o que Mulan fez por ele, e uma espada, para que o mundo saiba o que ela fez pela China.

Shang reconhece o ato de Mulan, que vai embora. O Imperador aconselha Shang a ir atrás da jovem, pois como ela, não há outra em toda a dinastia. Em casa, Mulan entrega os presentes ao pai, que não se importa com o peso do que a filha trouxe, e sim, com a presença da jovem novamente. Shang chega no mesmo instante que a avó de Mulan reclama da jovem não ter trazido um homem da guerra, deixando tanto ela como a mãe sem palavras. Mulan compreende o motivo da visita e o convida para ficar para o jantar.

A história contada através de Mulan mostra uma jovem com coragem muito superior às personagens anteriores: se passar por homem, enfrentar a guerra e salvar o seu país, sendo reconhecida até pelo Imperador.

Mulan mostra seu valor, preocupação e respeito à família, mas também demonstra sua insatisfação com as tradições quando seu pai, um homem mais velho que já batalhou na guerra, por ser o único homem em sua casa, teria de batalhar em uma nova guerra. A princesa mostra que, muito mais do que força física, é preciso inteligência para sobreviver as adversidades e provar seu valor perante aos outros.

Shang, além de seu comandante, se torna seu companheiro durante esse caminho e juntos, chegam ao final desse caminho, ontem Mulan se torna a verdadeira heroína que, além de Shang, salva o Imperador e todo seu povo.

Ao final, muito além de ser uma princesa Disney, Mulan deixa seu nome do lado de palavras como guerreira e escreve uma história sobre como perseverar quando se acredita que se pode mudar algo, mesmo que alguém diga que não. Assim, Mulan, a princesa guerreira fecha o time das ‘Princesas Rebeldes’, fechando também um ciclo de personalidade de suas personagens, visto que as próximas não seguem a mesma linha, como veremos posteriormente.

Segundo Moreira e Portela (2018) “A forma de vida feminista que retratada nos filmes Disney acompanha, em certa medida, a trajetória da mulher na história, isto é, pode-se observar como as conquistas feministas alcançadas ao longo dos anos são transpostas para o universo da ficção. Isso acontece porque a representação feminina no cinema advém das práticas culturais que refletem e refratam um imaginário coletivo.” Breder (2013) lembra que “Os estúdios Disney deixaram as princesas de lado durante décadas. Em meio à chamada ‘segunda onda feminista’, o público não teria mais interesse em uma bela donzela à espera de seu príncipe encantado” e é justamente o que a empresa faz: busca beber em uma nova fonte sem fugir muito de sua mina de sucesso. As jovens ainda são donzelas, belas e gentis, possuem estereótipo de corpo perfeito, com cinturas finas, braços e pernas longos e finos, rostos perfeitos, cabelos lisos, mas, mesmo assim, estas personagens conseguiram fugir do perfil de princesa indefesa que precisa ser salva por um homem, trazendo um novo ar ao quesito “ser princesa”

Uma observação a ser feita também é o como o papel masculino é representado nestes filmes, visto que, segundo Gomes (2000) “Princesas como Ariel, Jasmine, a Bela, Pocahontas e heroínas como Meg, do filme Hércules, a cigana Esmeralda, de O Corcunda de Notre Dame, a guerreira Mulan e Jane, do filme mais recente da Disney, Tarzan, não apresentam a mesma passividade das princesas clássicas. Por vezes, seu dinamismo faz os personagens masculinos parecerem acomodados. As heroínas são figuras que tomam atitudes radicais, resistem a seus opressores, assumem decisões e jamais aparecem fazendo qualquer tipo de serviço doméstico.”.

Apesar de muitas mudanças, o contato com os animais e a natureza ainda aparecem com bastante força e um destaque é a religiosidade e a forma como ela aparece, além da figura de

Deus, do cristianismo. Gomes (2000) fala sobre as cenas de Pocahontas e Mulan, que fazem contato com o sagrado e com espíritos da natureza, muito diferente de como Branca de Neve mostra sua fé, agradecendo a Deus ajoelhada ao pé da cama. Os animais acompanham as princesas além do eixo Disney Princesas, aparecendo em outros filmes do estúdio e segundo Gomes, não é somente uma questão de dar graciosidade, e sim, de gênero, pois “Enquanto os filmes centrados em personagens masculinos, como Pinóquio, Dumbo e Peter Pan apresentavam apenas um personagem auxiliar, as princesas clássicas sempre precisaram de, no mínimo, dois ajudantes, isto sem contar com as fadas e com o príncipe/mocinho/herói.” Ainda sobre os personagens masculinos e também sobre a relação deles com as personagens femininas e o ideal romântico, nem tudo continuou sendo como anteriormente:

As novas heroínas Disney, embora não cantem mais o sonho de encontrar o seu amor, são personagens voltadas para o masculino, porém não mais de modo passivo, sonhando com a chegada de seu par. Ativas, elas literalmente correm atrás de seus homens, salvam suas vidas e lhes ensinam aquilo que consideram “boa educação”, como comer “decentemente” (A Bela e a Fera) ou respeitar o sutil equilíbrio da natureza (Pocahontas). Bastante diferente de Branca de Neve e A Bela Adormecida que esperam o príncipe aparecer montado em seu cavalo branco para salvá-las de feitiços amortecedores. No contexto das primeiras princesas, antes da revolução feminista, a figura masculina era toda a estrutura de que as mulheres poderiam dispor. O casamento ainda era o destino certo para todas as “filhas de família”; as mulheres precisavam de um homem que as “protegesse”. (...) A necessidade do casamento como saída digna e viável para a vida de uma mulher, não é mais a mesma, mas a idealização do encontro com o masculino parece ser ainda mais significativa do que antes. O príncipe continua com o mesmo layout: forte, mais alto, másculo e ao mesmo tempo gentil. Mas agora ele já não aparece mais para salvar a princesa e sim para ser salvo por ela. (GOMES, 2000, p. 165)

Fechando as classificações das princesas em seus filmes, a Disney chega às princesas denominadas por Breder (2013) como Princesas Contemporâneas. As mesmas representam a mulher do novo século, “a mulher “pós-moderna” que, tendo encontrado espaço na esfera econômica e política, conquista a liberdade de escolha desejada e enfrenta as novas e complexas questões que se originam na contemporaneidade – por exemplo, os novos posicionamentos que surgem no âmbito das discussões sobre gênero, homossexualismo (KAPLAN, 1995 apud BRAGA; COSTA, 2002, p. 107).

As Princesas Contemporâneas são as personagens femininas representadas nos filmes de princesa e magia que a Disney voltou a realizar onze anos após Mulan. A partir de 2009, cinco novas princesas e uma rainha foram apresentadas até a data do presente trabalho: Tiana, de “A Princesa e o Sapo” (2009), Rapunzel (2010), Merida, de Valente (2012) e a recém chegada, Moana (2016), que apesar de se nomear não princesa em seu filme, faz parte do grupo

de Disney Princesa, diferente de Princesa Anna e a rainha Elsa, de “Frozen, Uma Aventura Congelante”, que apesar do título de nobreza em sua animação não fazem parte desse grupo por fazerem muito sucesso sozinhas e tendo sua própria marca, como já citado anteriormente.

Tiana vive em Nova Orleans, cidade conhecida por ser berço do jazz e tem como sonho abrir seu próprio restaurante, assim como sonhava seu pai, falecido quando a personagem aparece como jovem adulta. Diferente das princesas anteriores, Tiana trabalha dia e noite para ter dinheiro para realizar seu sonho e assim como seu pai, que era cozinheiro, a jovem domina arte da cozinha, alimentando ainda mais esse sonho, o que preocupa sua mãe, pois a jovem nunca descansa, trabalhando sem parar. Depois de juntar cada centavo, Tiana finalmente vai conseguir abrir seu restaurante, mas o objetivo de sua vida deixou a menina cega para todo o resto, até para o importante.

Recém-chegado da Maldonia, um país africano, Príncipe Naveen é um homem boêmio, por isso foi deserdado e está falido, em busca de uma moça rica para sustenta-lo. Charlotte, amiga rica de Tiana desde a infância, para quem a mãe sempre costurou e sonha em casar com um príncipe e se tornar uma princesa de verdade, faz uma grande festa em homenagem ao Príncipe e Tiana realiza a comida desta noite especial.

Quando percebe a falta de esperteza do Príncipe, Dr. Facilier lança por engano uma magia que transformará o rapaz em sapo, precisando convencer uma princesa a lhe beijar para quebrar o feitiço. Tiana o beija pensando na recompensa oferecida pelo Príncipe Naveen, porém o efeito não é o esperado e a jovem se transforma em uma rã, então, juntos, os dois terão que buscar a maneira de quebrar o feitiço.

Atravessando a Louisiana, ganham dois amigos e buscam uma fada madrinha baiana, Mama Odie para ajuda-los a serem humanos novamente. O corpo do Príncipe Naveen está sendo usado por seu criado Lawrence, que sempre invejou o jovem e tenta se casar com Charlotte. Após viverem muitas aventuras, Tiana consegue mostrar a Naveen muito sobre a vida, sobre a importância do amor, da amizade e ele entende que dinheiro não é tudo. O Príncipe se vê apaixonado pela jovem e se descobre um ser humano que não conhecia, já Tiana compreende as coisas importantes da vida além de seus objetivos. Após o vilão do filme morrer, os sapinhos se beijam e quebram o feitiço. Tiana e Naveen se casam, abrem o restaurante do sonho da moça e trabalham juntos.

Tiana não é uma princesa como as outras. O restaurante é algo além de um sonho, é um objetivo pelo qual ela luta com cada gota de suor de seu rosto e consegue realizar com seu próprio esforço, mesmo que no final, Naveen apareça ajudando na reforma e trabalhando no

restaurante, é exatamente esse o papel dele no sonho de Tiana: ajudar. O poder de sonhar, trabalhar e realizar é um mérito que Tiana carrega sozinha.

Tiana é negra, humilde, trabalhadora, criada apenas por sua mãe depois que seu pai morre e não o inverso como aparece em quase todas as histórias anteriores. Estas características abrem espaço para a representatividade em seu filme: pela primeira vez, crianças negras se veem como príncipes e princesas, aspecto que é muito importante do ponto de vista de uma prática pedagógica que entende a importância de fazermos uma educação antirracista desde a Educação Infantil. O apoio de sua mãe tem papel importante, pois além de se preocupar, ela jamais tenta impedir o objetivo da filha. Além disso, é uma mãe que tem falas, personalidade, presença, não somente uma lembrança.

Naveen, antes homem boêmio que chega a Nova Orleans atrás de diversão e uma herdeira para encostar, se transforma em trabalhador, transformado pelo amor que sente por Tiana. Na cena final, Naveen chega a servir a própria família, que fica orgulhosa de ver o filho na figura de um homem honroso.

No ano seguinte, baseado em mais um conto dos Irmãos Grimm, Rapunzel, a princesa dos enormes cabelos estreia seu filme de nome “Enrolados” (*Tangled*, 2010).

Rapunzel é mais que uma princesa, pois em si, guardado em seu cabelo existe o poder de cura. A rainha, mãe de Rapunzel bebeu uma poção feita de uma flor, criada por uma bruxa com a gota pura do sol, e então, a princesa nasceu com o poder curativo em seus cabelos. Porém, para manter tal habilidade, o cabelo não pode ser cortado, levando a bruxa a sequestrar Rapunzel e criá-la como filha, isolada numa torre. No aniversário de Rapunzel o reino acende milhares de lanternas voadoras, com fé na volta da princesa.

O sonho da princesa é ver de perto as lanternas e no seu aniversário de dezoito anos é o que ela mais deseja, porém, esse sonho é vetado por Gothel a bruxa. Durante esse tempo, a coroa de Rapunzel é roubada por Flynn e seus amigos, que depois avista a torre e decide se esconder lá, onde apanha da princesa após a invasão.

Rapunzel consegue tirar a bruxa de casa por um tempo e acorda com fim que se ele a levar para ver as lanternas e ajudá-la a voltar segura para casa, ela lhe dará a coroa. Apesar de ficar em dúvida se deve realmente ir realizar seu desejo ou ficar na torre, sendo uma filha obediente, Rapunzel viaja com Flynn. Em uma taverna, aparentemente cheio de caras maus, Rapunzel percebe que assim como ela, eles são pessoas cheias de sonhos e que não são más, pois ajudam a dupla a fugir dos guardas, porém, não por muito tempo, pois Flynn destrói uma represa e ficam presos em uma caverna que está submergindo. A garota decide contar sobre seu poder para Flynn e escapam ilesos.

A bruxa já percebeu a ausência da princesa e consegue a encontrar, propondo um teste: a entrega da coroa a Flynn, agora chamado de José. Ele descobre que a jovem é a princesa e a noite, iluminado pelas lanternas e encantado por ver a felicidade de Rapunzel ao finalmente realizar esse sonho, descobre, ao receber a coroa da jovem que não é isso que ele deseja, e sim, a própria princesa. Seus antigos comparsas trabalham para a bruxa agora, ajudam a prender José, que é condenado a forca por seus crimes e Gothel leva Rapunzel para a torre.

Os amigos da taverna resgatam José e ele ao resgatar Rapunzel, que descobre que ela é a princesa desaparecida, confrontando Gothel. A bruxa esfaqueia José em sua tentativa de salvamento e tenta fugir com a princesa, que propõe um acordo com a bruxa: se deixar que ela o salve com seu poder, viverá para sempre com ela, o que José acha inaceitável, preferindo a morte ao vê-la prisioneira de Gothel para sempre, então ele corta os cabelos de Rapunzel, acabando com seu poder e matando a bruxa. José se declara e morre, deixando Rapunzel inconsolável por não poder mais salvá-lo. Ao deixar cair uma lágrima no rosto de seu amado, a princesa percebe que seu poder não estava em seu cabelo, e sim, em seu sangue, sendo manifestado por seus cabelos ou por suas lágrimas, o que o cura, milagrosamente. Rapunzel, agora uma princesa de cabelos castanhos e bem curtos, retorna ao castelo para a felicidade do reino. No final, Rapunzel e José se casam.

Rapunzel, apesar a imensa delicadeza e aparência tradicional das primeiras princesas, sendo loira, olhos bem claros, gestos fofos, como quando se encanta vendo as lanternas, mostra coragem e força, como quando bate em Flynn após ele invadir a torre onde ela vive. Se defendendo sozinha, mostra destemor para salvar-se sozinha.

Uma passagem importante do filme é a entrada da dupla na Taverna, no meio dos homens com estereotipo de homens maus. Rapunzel os enfrenta por Flynn, porém com diálogo, expressando seu sentimento de necessidade de viver, de realizar seu sonho e questionando se aqueles homens também não tinham algum. Os homens revelam seus sonhos, se mostrando muito mais sensíveis do que aparentam, com sonhos de ser pianista, de se casar, ser ator, mostrando que dentro de cada pessoa há sonhos que ninguém pode julgar.

Rapunzel, apesar de perder seu maior símbolo no final do filme, seus enormes cabelos loiros, vence sua própria história, pois além de conseguir ver suas sonhadas luzes flutuantes, voltou para sua família e encontrou um homem que, ao invés de levá-la para outra torre de castelo, a ajuda a realizar seus sonhos.

Em 2012, os Estúdios Disney apresentam uma princesa fora do padrão estético seguido por décadas: Merida, a princesa arqueira do filme *Valente* (*Brave*, 2012). De rosto redondo,

cabelos volumosos, cacheados e ruivos, selvagens como sua personalidade, Merida deseja ser uma livre e não uma princesa bem-comportada em trajes apertados sentada em seu trono.

Valente se passa nos tempos medievais e conta a história de Merida, filha do Rei Fergus e da Rainha Elinor. Desde a infância, a menina é aventureira, incentivada por seu pai a aprender arco e flecha, assim como ele. Já a mãe deseja tornar a filha digna da realeza, ensinando-lhe boas maneiras e tudo que necessita para se tornar a princesa que ela sonha.

Em um dia, treinando com arco, Merida, ainda criança, atira muito longe e entra na floresta a fim de buscar sua flecha e quando sai, já no colo de sua mãe, se deparam com um urso enorme. O rei e seus soldados atacam o urso enquanto mãe e filha fogem.

Na próxima sequência, a princesa cresce, retratada de maneira rebelde e alegre, com flechas na cintura e livre em cima de seu cavalo, cavalgando descabelada pela floresta. Em seu lar, a mãe não admite a falta de modos da menina, treinando com rigidez para que a menina se adeque aos padrões que ela espera, vestindo vestidos apertados que não permitem que ela ande a cavalo e atire, prendendo seus selvagens cabelos, cobrando etiqueta a mesa, tudo que não é de sua natureza. Seu pai incentiva o comportamento livre, mas apoiando a esposa.

Para acabar com esse comportamento intransigente de Merida, os pais anunciam que acontecerá um campeonato para disputar a mão da filha, que indignada com a situação, se candidata para lutar pela própria liberdade, despertando o ódio da mãe e humilhando seus concorrentes ao vencer o desafio. As atitudes da princesa levam o reino ao caos e com raiva, Merida procura uma bruxa, que a ajuda de uma maneira não esperada, rogando uma maldição que transforma a Rainha em um urso, um animal temido e odiado pelo Rei por conta do ataque na infância da garota.

Após entender que o urso é sua própria mãe, Merida a protege e busca compreender como desfazer a maldição, em uma sequência de aventuras que refaz o laço entre mãe e filha. Merida consegue desfazer a maldição a tempo e se arrepender do que fez, compreender que as diferenças são parte da vida e colocar o amor acima de tudo.

Na cena final, os pais de Merida entendem que além de uma princesa, a filha pode ser uma guerreira, sua sucessora e sendo uma guerreira, ajudar a proteger o reino onde vive, mesmo sendo mulher.

“Valente” apresenta situações atípicas visto os sucessos anteriores: o conflito entre mãe e filha, o fato de a princesa terminar sem um interesse amoroso e o valor do laço materno para quebrar a maldição.

Mães não são figuras presentes na vida das princesas, em alguns filmes elas sequer aparecem, sendo presente só a figura do pai ou nem isso e no caso de Merida, a mãe é presente,



tem nome, falas e importância no desenvolvimento da história. As dificuldades de relacionamento entre as duas, assim, como o amor de uma pela outra trazem veracidade e a compreensão da mãe que suas escolhas não podem ser as únicas na vida da filha, que é uma melhor guerreira do que princesa, e mesmo assim poderá governar o reino sem ser menos do a Rainha é e sozinha, sem a necessidade de casar.

Elsa e Anna talvez sejam as mais famosas apesar de não serem a última da linhagem de princesas Disney. Representação de um sucesso bilionário, ganhador de vários prêmios incluindo o Oscar de Melhor Filme de Animação e de Melhor Canção Original com “Let It Go”, as irmãs estrelaram seu filme “Frozen: Uma aventura congelante” (*Frozen*, 2013) e ensinaram muito sobre poder feminino e amor fraterno.

Elsa e Anna são princesas de Arendelle, um reino norueguês: Elsa tem poderes que envolvem gelo e em uma brincadeira com neve em casa, Elsa fere Anna em um acidente com os poderes, o que faz seus pais buscarem ajuda e removerem as memórias de Anna sobre os poderes de Elsa. Com medo de machucar a irmã novamente, Elsa se afasta e se isola, deixando Anna inconsolável e quebrando o laço entre as irmãs.

Os pais das meninas morrem num naufrágio e, ao completar 21 anos, Elsa será coroada rainha do reino. Durante a recepção, Anna conhece um príncipe, que interessado no reino, pede Anna e casamento que diz sim e corre contar a irmã, que veta totalmente a união, causando um atrito entre as irmãs e num momento de fúria, Elsa acaba mostrando seus poderes. Apavorada, ela foge do castelo para o alto das montanhas, causando um intenso inverno eterno em Arendelle. Lá, constrói seu castelo de gelo e canta sobre se sentir livre enquanto a irmã se preocupa e vai atrás de Elsa. As irmãs se encontram, porém, Elsa perde novamente o controle de seus poderes e acerta Anna no coração.

O filme se desenrola com Anna fazendo amigos e descobrindo que precisa do amor verdadeiro para descongelar o coração. Durante a aventura, ela vê em Kristoff um amor verdadeiro capaz de descongelar, mas a magia acaba quando Anna, mesmo muito fraca pelo congelamento, enfrenta uma enorme nevasca criada pelo inverno de Elsa, se põe a frente da irmã a fim de defendê-la de Hans, que deseja matá-la e ficar com seu reino, congelando totalmente e salvando Elsa.

Elsa chora ao ver o mal que causou a irmã e então, Anna começa a voltar ao normal derretendo seu gelo. O ato de amor verdadeiro que salva Anna é o de sua irmã por ela, não o de Kristoff na representação do amor romântico. O amor também é a chave para controlar os poderes, acabando com o eterno inverno. Anna e Kristoff se beijam no final do filme, Hans é deportado e Elsa, após descongelar o reino, promete manter as portas do castelo sempre abertas.

Elsa e Anna, apesar de serem muito diferentes, compartilham o amor verdadeiro uma pela outra. O mesmo amor que faz Elsa ficar reclusa anos e anos na intenção de manter Anna a salvo após o acidente, mesmo com saudade da irmã, sua maior companheira. A obediência pelo pedido de afastamento de Elsa da irmã persiste até após a morte dos pais, causando ainda mais sofrimento na irmã mais nova, que agora se vê completamente sozinha.

A representação de um amor maior que o amor romântico como sendo a magia verdadeira capaz de quebrar feitiços, bem como a ideia de que nem todo amor à primeira vista é real, dá um novo sentido ao amor na vida das princesas: é possível ‘ser princesa’ sem amar um homem. Anna se apaixona, mas Elsa segue seu destino sem nem mesmo mencionar a figura masculina em sua vida.

A última das princesas retratadas e a mais recém-chegada também ao time de Disney Princesas é Moana, em 2016. Moana é descrita por si mesmo como uma não princesa, pois ela é filha do chefe da tribo, então, não há título de nobreza, porém, a coragem e a força pra mover seu próprio destino é parecida com a das princesas mais recentes.

Moana, desde bebê se sente atraída pelo mar, porém, seu pai evita o contato da filha com as águas a todo custo. Certo dia, Moana, ainda bem pequena é atraída até o oceano, que abre caminho para a menina e mostra seu destino no meio da água transparente: uma pedra verde esmeralda, que é o coração de Te Fiti, deusa, mãe natureza que está morrendo pela falta de seu coração. Quando o pai se aproxima, o mar devolve a menina a beira e diz a ela que não deve ir ao mar, levando-a de volta a tribo e dizendo que ela precisa aprender onde é o seu lugar, exaltando a ilha enquanto acontece a passagem de tempo até Moana virar uma jovem adulta.

Sua avó é a única que compreende o desejo da menina. O pai mostra a responsabilidade de Moana ser a próxima chefe da tribo, governar o povo até ela se convencer que pode ser feliz ali e esquecer o mar. O problema é que a natureza, inclusive na ilha está morrendo, pois o coração de Te Fiti, foi roubado por Maui, um semideus, fazendo com que falem recursos, porém, o pai veta qualquer pensamento sobre atravessar os recifes em busca de peixes. Sua mãe explica o motivo de seu pai proibir veemente a ida ao mar: seu melhor amigo morreu no mar e não quer que a história se repita.

Moana foge uma primeira vez e não consegue. Com a ajuda de sua avó, que diz que quando morrer virará uma arraia e então conta a história de seus ancestrais e ela entende que eram grandes navegadores, mostrando que ela é uma escolhida pelo oceano. No leito de morte, sua avó a diz para ir seguir seu destino e com a ajuda de sua mãe, Moana foge para o mar onde, antes de passar dos recifes, vê o espírito de sua avó entrar ao mar na forma de uma grande arraia azul brilhante. Moana, guiada pela avó e protegida pelo oceano, vive algumas dificuldades, mas

as enfrenta com muita determinação. Após uma tempestade, acorda na ilha de Maui, onde o confronto pedindo para que devolva o coração; ele não a leva a sério, mas, quando ele foge com seu barco, o oceano a ajuda a pressioná-lo até que ele vá. No caminho, eles deixam as diferenças de lado apesar do medo de Maui pelo coração de Te Fiti, e ele a ensina a navegar, enfrentam perigos no mar mas conseguem superar tudo e juntos chegam a ilha onde enfrenta o monstro furioso de lava que Te Fiti se tornou sem seu coração, devolvendo a pedra e a fazendo renascer.

Maui se redime por seu erro com Te Fiti e, com seu coração novamente no lugar, a natureza retoma seu curso natural, florescendo novamente por todo lugar. Maui despede de Moana e a lembra que sua tribo tem agora uma mestra navegadora. A jovem é recebida com muita felicidade na ilha e, na torre de chefes da tribo, Moana deixa uma concha ao invés de uma rocha, mostrando seu caminho. A última cena mostra Moana liberando sua tribo pelo mar, ensinando-os a navegar na presença de Maui como um gavião e sua avó, como arraia no mar.

Moana, a princesa Disney que tem cabelos ondulados, pele morena e usa roupas simples de sua tribo. Seu corpo, com pernas grossas e baixa estatura é algo totalmente comum, diferente das anteriores.

Mulheres são protagonistas nesse filme junto com Moana; sua mãe e sua avó se destacam pelo apoio e incentivo na busca do sonho da menina, a deusa Te Fiti, mãe natureza é representada como uma mulher jovem coberta de algo que parece ser grama e uma coroa de flores. Sem seu coração, Te Fiti perdeu o poder de dar a vida, por isso, os peixes foram se acabando, os frutos secando, as flores morrendo, mostrando a falta que o equilíbrio da mãe natureza pode fazer.

A menina mostra também respeito ao passado e ao que ela realmente é, pois, independente do medo de seu pai após o acidente, prova que também tem traços daquela ancestralidade e ao final, consegue colocar todos ao mar novamente, como navegadores que sempre foram, até mesmo seu pai.

Na linha do tempo, organizada até a última criação dos Estúdios Disney, analisamos cada história de acordo com seu breve resumo. A partir daqui, seguiremos analisando suas influências e as ideias de feminilidade ensinados às meninas baseadas nas informações e mensagens que os filmes entregam.

### **4.3 Ideais de feminilidade ensinados às meninas a partir das figuras das princesas**

Ideais de feminilidade são esperados de meninas desde muito novas como nas roupas cor-de-rosa na saída da maternidade, por exemplo. Ter os sonhos que são estereotipados como

femininos, nos quais se incluem casar, ter filhos, preferir cuidar da casa e da família, inculcidos desde a infância com uma maneira de controle sobre as mulheres, mantendo-as em casa, não possibilitando independência financeira e continuidade nos estudos. Catarina Nae Yen Kuo (2015) afirma que era acreditado que o ‘ficar em casa’, confortável e protegida era um privilégio enquanto os homens tinham que trabalhar e sustentar a família e “(...) De forma geral, isto acabou por castrar o poder decisório feminino, uma vez que se encontravam sem recursos e dependentes dos homens adultos da família” (KUO, 2015, p. 31)

Os padrões impostos reprimiram mulheres que são pressionadas a seguir algo que a herança do patriarcado deixa na vida de cada uma, como mostra de poder e dominação.

As mulheres preparadas desde o berço para as tarefas da reprodução, da criação dos filhos, da labuta doméstica, realizada até um grau considerável em isolamento social, eram ensinadas a serem ‘subjetivas’ – e eram frequentemente consideradas incapazes para a espécie de pensamento racional, analítico, que supostamente acompanhava a objetividade. (TOFFLER, 1980, p. 57)

Um ciclo que lentamente conseguimos quebrar em algumas esferas e a testemunha desse avanço é a maneira como a representação feminina e os ideais de feminilidade foram mudando na mídia, inclusive dentro dos filmes de princesa dos Estúdios Disney. Neste trecho, discutem-se os ideais de feminilidade ensinados às meninas a partir das figuras das princesas analisadas no capítulo anterior, baseado em atitudes, falas e representações vistas nos filmes, uma análise da evolução desses ideais.

**A gratidão** é um sentimento recorrente que aparece em todas as películas, se mostrando algo necessário na vida das meninas, quase como uma obrigação. Histórias em que as mulheres apresentam de maneira naturalizada esse sentimento são representadas desde Adão e Eva, porém, com a gratidão aparece junto a dominação do homem sobre a mulher, mostrando que a figura masculina é essencial para o sucesso da mulher, independente de que área. Assim:

O homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele. O homem é sujeito, o Absoluto, a mulher é o Outro. Essa relação é muito bem simbolizada na história do Gênesis em que Eva aparece como extraída de uma costela de Adão. O homem se afirma como essencial e faz do outro, aqui da mulher o inessencial, o objeto. (GONÇALVES, 2010, P. 3)

As princesas, principalmente as primeiras, expressam uma gratidão por serem salvas, mostrando que a vida terá um final feliz somente por terem sido resgatadas por um príncipe. Em todas cenas onde a gratidão é expressada, ela quase sempre é direcionada a um personagem

masculino, como o príncipe com Aurora, Cinderela e Mulan, ao pai e ao príncipe em Ariel, Branca de Neve grata aos anões e ao príncipe e ao pai principalmente em Pocahontas e Jasmine.

Branca de Neve, apesar de ter que limpar toda a casa, cozinhar, costurar e cuidar dos sete anões, que apesar de aparentarem serem crianças, eram homens que não necessitavam de cuidado, cantava que “com muita alegria é mais fácil trabalhar”, sempre mostrando sua gratidão por estarem deixando-a ficar naquele lar. Quando é salva pelo beijo do príncipe, a gratidão reaparece por estar sendo salva e protegida para sempre. Cinderela também apresenta um comportamento parecido, pois apesar de todo sofrimento, exclusão e trabalho forçado para apenas viver naquela casa que na realidade pertence a ela, a princesa sempre demonstra esperança e bondade, principalmente com um lema que sua mãe deixou a ela: “seja gentil e tenha coragem”. Cinderela demonstra gratidão quando depois de tempos de submissão a família, é salva pelo príncipe. Ariel também é grata quando Tritão, seu pai e rei dos mares permite que ela viva o amor com Eric, lhe concedendo pernas para tal acontecimento. Mulan demonstra esse sentimento quando seu pai a vê voltando salva para casa, sem que ele a renegue por ter fugido e mentido para todos. Pocahontas e Jasmine apresentam gratidão ao pai, que aceita o amor que elas escolheram, mesmo uma delas preferindo ficar onde está enquanto seu amado volta para a Europa.

Esse ideal, apesar de aparecer de maneira explícita na visão dos adultos, pode não ser compreendido como um sentimento pelas crianças e sim, como uma maneira na qual elas devem se portar ao receber qualquer tipo de tratamento, desvalorizando seu poder de escolha em necessidade da aceitação ou permissão para então, poder vivenciar algo ou apenas ser feliz, como no caso das princesas.

A **falta de escolhas próprias** também pode ser considerada um ideal de feminilidade esperado, pois como citado anteriormente, a privação de escolhas era vista como um privilégio. Algumas princesas tinham o destino decidido por terceiros, que não levavam em consideração os desejos e aspirações das meninas, como em “A Bela Adormecida”, Aurora é apresentada a Phillip como sua futura esposa quando ela ainda é uma recém-nascida e Phillip uma pequena criança. Aurora se apaixona na floresta pelo príncipe sem nem ao menos saber que desde seu nascimento é prometida a um homem, que, por sorte, são a mesma pessoa. Em Cinderela, a jovem não pode escolher sair de casa ou não realizar as tarefas, pois em seu filme, assume um papel passivo deixando que a madrasta realize todas as escolhas por ela, até mesmo a de poder ou não se divertir. Ariel escolhe ter pernas, deseja viver entre os humanos já que está entediada no mar e deseja explorar o mundo, mas pode fazer isso apenas quando seu pai permite. Mesmo que tenha tido pernas por um período por conta de Úrsula, a decisão que lhe permitiu uma vida

humana de verdade e sem prejuízos é concedida por seu pai. Jasmine, Pocahontas, Mulan e Merida tem suas escolhas de futuro realizada por seus pais, que escolhem o casamento para suas filhas sem relevar o sentimento das jovens. Jasmine e Mulan lutam contra isso de maneira mais amena, contrariando, porém, sem tanto alarde, já Mulan, aceita passivamente, mas foge de seu destino e Merida contraria qualquer tentativa de controle que seus pais querem lhe impor, inclusive batalhando por si mesma no desafio que valia a mão da princesa. Fora Merida, que prova que pode reinar sem um homem ao seu lado, todas conseguem escolher seus amores, entretanto, Pocahontas abre mão do seu amor para ficar em sua tribo. Moana, mesmo sendo o último e mais desconstruído dos filmes, também tem imposições de futuro definidas pelo seu pai, mas as figuras femininas são quem a ajudam a seguir o destino que ela sempre desejou, ignorando as ordens do pai e mostrando no final que ela tinha razão desde o início e liderando a tribo em navegações, inclusive o próprio pai.

**O machismo** persiste, visto que apesar dos avanços que o feminismo nos trouxe, uma onda conservadora persiste em enraizar a cultura de poder do homem de maneira naturalizada, como se a mulher fosse uma propriedade do homem e tivesse que seguir suas regras e desejos. A ideologia machista nos filmes de Walt Disney é disseminada tanto por personagens homens como mulheres, quando se reforça a necessidade da mulher ser aceita por um homem, se moldando em função das expectativas masculinas. Os exemplos são inúmeros em todos os filmes e cada princesa passa pela diminuição da figura feminina mesmo que de maneira distinta.

Branca de Neve e Cinderela não tem voz e são encaixadas no estereótipo de esposas perfeitas, que cozinham e cuidam perfeitamente da casa pois esse é seu papel. Aurora não tem escolha e tem um casamento arranjado para seu futuro desde o momento que veio ao mundo. Ariel e Bela tem grandes passagens machistas em seus filmes.

Em ‘A Pequena Sereia’ duas canções deixam claro o peso do machismo sobre a protagonista. Quando Ariel está prestes a dar sua voz a Úrsula em troca de ser humana, ela a questiona sobre como conquistaria o príncipe sem nem ao menos poder falar e a vilã a lembra que ainda terá sua beleza, seu corpo e canta uma canção sobre como os homens preferem mulheres que não são tagarelas, como nas frases: “O homem abomina tagarelas, garota caladinha ele adora”; “Se a mulher ficar falando o dia inteiro e fofocando, o homem se zanga, diz adeus e vai embora” e “E só as bem quietinhas vão casar!” (Corações Infelizes - A Pequena Sereia, 1989). É importante refletir sobre como meninas, principalmente as bem novas, se sentirão ao assistir esse momento, visto que a voz, além de ser uma maneira de comunicação, é a maneira que o ser humano tem para se expressar, fazer arte, mostrar seu lugar ao mundo e no filme é dito às meninas que elas devem ser silenciosas para que possam ser amadas.

Em outra passagem, Ariel canta uma música sobre como deseja estar ao lado de seu amado, Eric e como deseja pertencer a ele:

Quero viver onde você está  
 Quero ficar aqui ao seu lado  
 Quero também ver você sorrir pra mim  
 Vamos andar, vamos correr  
 Ver todo dia o sol nascer  
 E sempre estar em algum lugar  
 Só seu e meu  
 Eu não sei bem como explicar  
 Que alguma coisa vai começar  
 Só sei dizer que a você vou pertencer.  
 “A você vou pertencer – A Pequena Sereia” (1989)

O sentimento de pertencimento a outra pessoa é algo naturalizado nas relações desde a infância, como a de mãe e filho, irmãos e ensinado as meninas também nas relações afetivas. Em Aladdin, Sultão diz a Jasmine que ela precisa aceitar um marido, pois ele deseja que ela tenha sempre alguém para cuidar dela quando ele não estiver mais ali, uma fala machista, porém comum e naturalizada entre pais de meninas, tanto por cuidado como por controle.

A Bela e a Fera também têm sua marca machista vinda do vilão Gaston. O rapaz não aceita ser rejeitado por Bela, mesmo tendo todas as garotas da cidade aos seus pés. Ele a sonda, a segue e logo no início do filme, quando Bela diz durante sua canção diz que jamais se casaria com alguém como ele, pois o rapaz acredita que ela não deveria ler e sim, dar atenção a ele, pois não “é direito” uma mulher ler, ela começa a ter ideias e a pensar. Em outro momento, ainda sem saber seu pai está preso no castelo com Fera, Bela está tranquila em seu lar quando é surpreendida por Gaston, que preparou uma festa de noivado do lado de fora para pedir a mão da jovem em casamento, sempre se vangloriando e planejando seu futuro ao lado de sua futura esposa, dizendo a ela que irá ser sua “esposinha”, fazer massagem nos pés dele, seis ou sete filhos para brincar com os cães que eles terão. Por mais gentil e educada que ela seja ao rejeitar o pedido, Gaston fica insultado e diz ao seu amigo que terá Bela como esposa, não aceitando o ‘não’ da princesa, planejando uma maneira de força-la a dizer sim para ele (como quando ele manda internar o pai da jovem e a única coisa que faria ele desistir seria ela aceitando se casar com ele). Bela sofre com a perseguição de Gaston, mas consegue um final feliz com alguém que ela decidiu ficar, porém isso só acontece em paz após a morte do vilão. A cultura do medo impregnada pelo machismo se mostra muito presente neste último exemplo. Mulan e Valente também tem sua dose de machismo quando esperam o casamento das princesas, planejado pelos pais sem direito de escolha das jovens. Moana apesar de não ter exemplos com relacionamentos

amorosos, também sofre proibições do pai sem direito a saber a verdade, sendo o tempo todo criada para governar a ilha e não tendo seu direito de escolha respeitado.

A **representação do bem e do mal** aparece de maneira bastante preconceituosa, mostrando pessoas com traços delicados, narizes pequenos, rostos finos e corpos magros como representações do bem e pessoas de corpos gordos, narizes avantajados e traços não tão delicados como sendo os vilões, como bem apresentado em Aladdin, visto que o jovem tem traços como os príncipes de filmes anteriores e os outros árabes, os maus, são representados de maneira mais grotesca, mesmo ambos sendo homens e de mesma etnia. Partindo desse princípio, é realista pensar que crianças que não se encaixam no perfil citado como bom possam não acreditar que sejam boas o suficiente.

Esse princípio também é válido para os **ideais de beleza**, representados de maneira muito estereotipada durante muitos anos com princesas caucasianas, em sua grande maioria com um padrão europeu, praticamente inalcançável por meninas brasileiras, por exemplo, o que faz com que elas não se sintam representadas por estas personagens que rondam o imaginário infantil. Naomi Wolf escreveu sobre o mito da beleza em seu livro, citando sobre as mulheres e como elas a beleza é encarada na vida delas.

A qualidade chamada "beleza" existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação está necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. (WOLF, 1992, p.15)

Apesar da citação de Wolf ser de 1992, ela se encaixa nas princesas Disney de todas as épocas, visto que houve um aprofundamento histórico cultural para a pesquisa do livro. A beleza é algo representada de maneira a se fazer pensar ser a única forma da qual podemos ser apresentadas: bonitas, maquiadas, penteadas, roupas impecáveis e sempre, sempre sorridentes. Quando pensamos em cada uma das princesas, Draeger (2015) lembra que “Anna e Elsa seguem fielmente o modelo ditado pela sociedade ocidental do que seria uma aparência perfeita, assim como as outras princesas. Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana e Merida fogem um pouco do padrão, cada uma de sua maneira, mas absolutamente todas obedecem ao principal ponto do Mito da Beleza: o corpo magro e a cintura fina”. A representação feminina nesse quesito nos filmes é que não há maneira de ser representada sem ser dessa maneira, caso contrário você não é a princesa e sim, a vilã, por exemplo.



**Vilões**, com exceção da bela Madrasta Má de Branca de Neve, são representados fora dos padrões de beleza das princesas: corpos gordos, com partes do rosto desproporcionais ao restante, como narizes muito grandes e/ou tortos, verrugas, pintas, cabelos desgrenhados. Características que, apesar de serem comuns e menos caricatas quando em seres humanos reais podem despertar nas meninas que assistem uma insegurança em relação ao próprio corpo e sobre a visão que mundo tem sobre elas. Lima, Antunes e Pereira (2018) citam que

A beleza, portanto, assume o caráter de algo que abre portas, adquirindo noção de vantagem sobre as outras mulheres, assim torna mais fácil ser amada e conquistar o amor do homem, fim que deve ser desejado pelas meninas. O exemplo das protagonistas princesas faz com que “ser belo” seja associado à bondade, ao correto e à juventude, enquanto que o “feio” é correlacionado ao envelhecimento e ao mal.” (LIMA, ANTUNES e PEREIRA, 2018)

As representações dos personagens e a beleza que nunca poderemos alcançar é um exemplo cruel para meninas que amando estas personagens, desejarão se parecer com as mesmas, algo humanamente impossível. Rita Mira Correia (2010) cita em sua tese de mestrado as características das princesas e suas representações na sociedade:

As princesas, na maioria das representações, surgem como um modelo hegemônico de feminilidade: etnia branca, jovem, heterossexual, magra, bonita e dócil, indo ao encontro das características que a sociedade ainda privilegia em relação à feminilidade. Além da insistência, por parte do mercado de consumo, dos signos de eterna juventude e de beleza nas representações femininas, determinando quais as mulheres passíveis de serem amadas ou desejadas, o amor romântico apresenta-se como o ideal de felicidade. (CORREIA, 2010, p.6)

Um outro ponto sobre a beleza nos filmes Disney é que ela é quase um pré-requisito para ser amada, o que diz respeito ao encontro da felicidade. Segundo Beauvoir, “é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiura associa-se cruelmente à maldade, e, quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem, se são seus crimes ou sua feiura que o destino pune” (BEAUVOIR, 1967, p. 33). Vilãs, irmãs apresentadas como feias e personagens semelhantes não tem finais felizes e príncipes, mas princesas sim. Correia (2010) diz que “A figura mítica da princesa está presente no nosso imaginário coletivo, envolvendo uma idealidade de prestígio social, uma concepção estética do corpo e de felicidade aliada ao discurso de amor romântico.” e esse amor romântico tão idealizado e concretizado nos filmes citados anteriormente foi amplamente mostrado como o final feliz de um homem e

uma mulher, mudando um pouco a partir das princesas contemporâneas, que encontram paixão e felicidade na família e no seu trabalho, por exemplo.

No início do século XX, intensificou-se o mercado dos romances de amor, das fotonovelas e da literatura de cordel, difundindo, em larga escala, o ideal de amor romântico e o ideal de feminilidade associado às virtudes da fidelidade e da virgindade, cuja autorrealização se concretiza no encontro do príncipe encantado, a quem se entrega de forma absoluta e onde reside exclusivamente a sua felicidade. As virtudes do amor romântico, concretizadas no amor à primeira vista e no casamento com um homem bem posicionado socialmente, tornaram-se objeto do consumo de massas, generalizando a ideologia que faz depender a felicidade feminina da realização amorosa. (CORREIA, 2010, p.12)

As princesas representadas a partir de Mulan são retratos femininos que não idealizam o amor romântico como a única forma de sucesso na vida, até chegarmos em Moana, no qual nem mesmo a figura de príncipe é citada e sua felicidade é a restauração da natureza, sua tribo alimentada e seu povo de volta ao mar, mostrando novos caminhos para representação de satisfação pessoal, podendo ensinar às meninas que assistem algo além do príncipe encantado.

O príncipe encantado, apesar de não aparecer como protagonista dos filmes de princesa (com exceção de Aladdin, que apesar de não ser príncipe, é protagonista do filme que leva seu nome) tem seu prestígio no papel de salvador, como se mulheres não pudessem se salvar sozinhas e necessitarem de um homem para tal. Kuo (2015) fala sobre isso em seu trabalho, quando diz que “Apesar de ser a personagem que lida com toda maldade vinda da madrasta e de suas irmãs, o papel heroico é atribuído ao príncipe, uma vez que ele a “resgata” de sua vida miserável a transforma em princesa” e cita Simone de Beauvoir (1967) que nos fala sobre a passividade esperada da menina diante da figura das princesas:

Ela [a menina] aprende que para ser feliz é preciso ser amada; para ser amada é preciso aguardar o amor. A mulher é a Bela Adormecida no bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela acha-se encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera. (BEAUVOIR, 1967).

O casamento era uma tradição necessária nos tempos antigos e como Breder (2013) cita, moças de família necessitavam de um homem, pois “antes da revolução feminista, a figura masculina era toda a estrutura de que as mulheres poderiam dispor. O casamento ainda era o destino certo para todas as ‘filhas de família’; as mulheres precisavam de um homem que as

‘protegesse’.” (GOMES; 2000, p. 165), sentimento esse que diminui conforme o feminismo avança e as mulheres conquistam diferentes espaços, apesar que ainda assim, o casamento ainda fora representado como final feliz ainda por algumas gerações de princesas.

Apesar de que as princesas clássicas são totalmente salvas por seus príncipes em seus filmes, as princesas rebeldes salvam uma vez seu príncipe, mostrando mudança, mesmo que sutil no comportamento dessas mulheres, sem ainda alterar a idealização do amor romântico. Breder (2013) cita essa idealização apoiada em Gomes em seu trabalho, quando nos diz:

Ariel impede que Eric se afogue em um naufrágio, Pocahontas impede que John Smith seja condenado, Mulan salva Shang de uma avalanche. Mas mesmo nessas histórias, a idealização do chamado “amor romântico” permanece forte. Gomes afirma que se trata de um mito propagado pela cultura em geral, citando novelas, livros best-sellers e filmes de grande bilheteria que divulgam o mesmo ideal. A felicidade da mulher estaria subordinada ao encontro do “par perfeito”, coroado pelo ritual do casamento, o “final feliz”. “Sua vendagem é certa, todos querem comprar o imaginário deste amor, a certeza dos encontros, a união com a ‘pessoa certa’, a fusão das ‘almas gêmeas’, em que os conflitos são extintos, os sonhos são realizados e o ‘final feliz’, o início de um ‘belo recomeço’.” (GOMES, 2000, p.172)

A relação da inteligência das princesas também pode ser motivo de debate, visto que essas figuras não são levadas a sério, mesmo quando demonstram claramente sua inteligência. No filme “A Bela e a Fera”, Bela é considerada estranha por todos em sua aldeia por ser uma menina que vive com um livro na mão. Gaston diz a Bela logo no começo do filme, ao jogar o livro que a jovem lia na lama que “não é direito uma mulher ler, logo começa a ter ideias, a pensar...”. Mulan tem ideias ótimas, ajudando muito seus companheiros de guerra, o que é totalmente esquecido quando Shang descobre que ela é uma mulher. Tiana tem um sonho de abrir seu restaurante e se dedica muito pra isso, guardando dinheiro e praticando a gastronomia, porém é ridicularizada pelo rapaz que trabalha na cozinha do restaurante quando lhe conta sobre seu sonho. Pocahontas, Moana e Merida tentam argumentar com suas famílias para resolver pacificamente sobre questões incomodas particulares para cada uma e são completamente ignoradas por seus pais. É como se o poder de argumentação, decisão e problematização não fosse algo que as princesas possam fazer, seu dever é apenas permanecer bonitas pois é isso que proporciona o final esperado para elas, como cita Lima, Antunes e Pereira (2018) em seu trabalho “A beleza, portanto, assume o caráter de algo que abre portas, adquirindo noção de vantagem sobre as outras mulheres, assim torna mais fácil ser amada e conquistar o amor do homem, fim que deve ser desejado pelas meninas. (LIMA, ANTUNES E PEREIRA, 2018) ou seja, não é necessário pensar para ser amada, ser bonita basta, perpetuando a necessidade em ser bonita para ter sucesso e que o sucesso é o amor. Wolf (1992) fala em seu livro que

A menina aprende que as histórias acontecem a mulheres "lindas", sejam elas interessantes ou não. E, interessantes ou não, as histórias não acontecem a mulheres que não sejam "lindas". Esses primeiros passos na educação da menina sobre o mito a torna suscetível às heroínas da cultura de massa da mulher adulta — as modelos nas revistas femininas. São essas modelos que as mulheres geralmente mencionam primeiro quando pensam no mito. (WOLF, 1992, p. 80)

O estereótipo de princesa e suas características mais fortes é ironizado em um filme da própria Disney, “Wi-Fi Ralph”, de janeiro de 2019. Vanellope, a personagem principal do filme junto com Ralph está perdida pelo mundo da internet e acaba se transportando para o site da Disney, onde encontra todas as princesas reunidas em uma sala. Quando ela anuncia sua presença com um simples ‘Oi’, todas as princesas se colocam em posição de ataque para se defenderem, cada um com algo característico a seu filme. Ela se revela princesa também, pois é uma princesa em seu jogo. Quando as princesas querem saber que tipo de princesa ela é, Vanellope fica confusa e as princesas começam a dar exemplo sobre si mesmas: “Já foi envenenada? Amaldiçoada? Acorrentada ou escravizada?”. Diante da negativa de todas as opções, Vanellope fica preocupada com as princesas, oferecendo chamar a polícia para ajudá-las. Quando Ariel fala sobre trocar sua voz por pernas, Vanellope pergunta quem faria isso, demonstrando espanto. Quando perguntam se ela tem problemas com o pai, ela responde que nem tem mãe, e sete princesas cantam “nós também não”. Rapunzel diz que fara a pergunta de um milhão de dólares e questiona Vanellope: “- As pessoas acham que todos os seus problemas acabaram depois que aparece um homem fortão?” E a menina responde “- Sim, qual é a dessa gente?”, deixando claro que ela não entende o motivo desse pensamento, refletindo sobre Ralph. Nesse momento, todas as princesas vibram “- Ela é uma princesa!!”

Vanellope é um exemplo de que este tipo de personagem pode ser da maneira que desejarem, o que causa estranheza nas outras princesas, tão aprisionada em seu estereótipo. A cena, apesar de satirizar as próprias obras, deixa em aberto que são estes os pontos que a própria Disney deve não dar continuidade, podendo explorar desafios mais humanos para que as princesas vençam e mostre o poder feminino como Moana, por exemplo.

#### **4.4 Discussões e avanços necessários ao campo**

Após tantas princesas, é inevitável que as mudanças dentro das histórias e novas reflexões sobre as personagens estejam presentes nas discussões tanto de crianças como dos responsáveis por elas. Qual é o exemplo que eu desejo que minha filha siga: recatada e domada como Cinderela ou ousada e corajosa como Moana?

Muitos avanços já ocorreram graças aos avanços da história, do feminismo, da luta das mulheres e da conquista de seu espaço, como o sonho além do casamento, a conquista do trabalho fora do lar, a realização pessoal como objetivo primordial são alguns exemplos de mudanças significativas que tivemos entre as gerações de princesas, o que não significa que já esteja suficiente.

Trago aqui três tópicos importantes que acredito que sejam necessários muitos avanços no modo de discussão que a Disney trata os seguintes assuntos: a diminuição do incentivo ao consumo, a melhor projeção de outras etnias em filmes de princesa e a melhor representação das diferenças, seja de classe, gênero, orientação sexual, peso ou credo.

Como já discutimos anteriormente, a indústria de entretenimento criada pelo mundo Disney move muito dinheiro por meio de seus licenciamentos, como o do selo Princesas Disney. Podemos começar refletindo esse ponto, visto o quanto as princesas Disney e seus produtos estimulam cada vez mais e mais cedo o consumo infantil. A cada nova princesa ou novo filme com esta representante, mais e mais produtos novos são lançados no mercado, bombardeando as crianças de informações e estimulando-as a desejarem sempre ter algo novo, visto a enorme gama de produtos que podem ser oferecidos dentro de uma mesma franquia.

Apesar da publicidade infantil considerada abusiva ser proibida desde 2014 no país por meio do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), ainda é difícil o controle da lei e, além da tv, as crianças são expostas ao estímulo ao consumo também por outras mídias, como a internet e o Youtube. Com vídeos com milhares de visualizações, os vídeos conhecidos como Unboxing, onde algo é aberto na frente da câmera, os de brinquedos sendo abertos são sucesso absoluto e o de brinquedos Disney não são diferentes. Pesquisando por “Disney Princess Unboxing”, a primeira página é tomada por vídeos com mais de 20 milhões de visualizações, muitos realizados por lojas de brinquedos americanas no intuito de divulgar e alavancar suas vendas.

O SPC Brasil realizou uma pesquisa sobre consumo e crianças em agosto de 2015 e os resultados da pesquisa foi que “praticamente uma em cada cinco crianças toma a decisão final na compra de brinquedos e jogos. Grau de influência do filho chega a 7,06”, mostrando o quão significativo é a influência de consumo em cima das crianças e como elas conseguem passar isso aos pais em forma de convencimento. A diminuição do incentivo ao consumo é necessária diante do dano que pode fazer as crianças em relação a autoestima, autoconfiança e poder de decisão, além da questão econômica. É importante distanciar o brincar do consumismo a fim de educarmos crianças para a diversão e não para ostentação.

Para a discussão de melhoria nas projeções de outras etnias em filmes de princesa, este tópico aqui se encontra pela questão na qual a Disney agiu de maneira desrespeitosa com os árabes em “Aladdin”: usando um modelo americano para o mocinho, estereotipando como terroristas os árabes que são representados com pele mais escura que Aladdin.

A alteração de estereotipo de princesa ocorreu somente a partir de 1992, com Jasmine, uma princesa de pele levemente morena, olhos e cabelos pretos, sem vestido como as anteriores e de etnia completamente diferente das anteriores, árabe. Princesa chinesa, indígena, escocesa, polinésia.

Apesar das mudanças, a representação das princesas poderia ser mais abrangente, visto o grande número de etnias que temos e quantas histórias baseadas nos folclores ou lendas locais poderiam ser criadas, assim como Mulan, ensinando mais do as princesas podem ensinar, mas também abrindo a visão de mundo das crianças que assistem ao conhecerem uma nova cultura por meio da Disney Princesas.

Ainda na discussão sobre melhoria na representação das diferenças, seja de classe, gênero, orientação sexual, peso ou credo, que apesar de estarem divididos, são quase que uma mesma preocupação: como as princesas podem ser representantes universais e ainda assim respeitarem as diferenças e apresentarem em seus filmes que é normal ser diferente?

Em 2016 a Mattel, fabricante das bonecas Barbie apresentou uma coleção com trinta e três novas bonecas nomeadas “Barbie Fashionista”, com bonecas curvilíneas, altas, baixas, ruivas, negras retintas e bonecas com cabelo moicano e colorido. A marca também já apresentou anteriormente bonecas com deficiência, vitiligo, com perna protética, na representatividade da inclusão e também uma linha sem gênero, mas recente.

Refletindo sobre o tamanho da marca Mattel e da influência da boneca Barbie na vida de meninas em idade escolar, as mesmas que consomem as Princesas Disney, é importante pensarmos nos motivos que a empresa tem para não abranger a representatividade em suas personagens.

Com Elsa sem qualquer interesse amoroso, logo se especulou sobre a princesa aparecer como a primeira representante LGBTQI+ e tanto as mídias sociais como os canais de comunicação ajudaram a inflamar essa discussão, para que em “Frozen 2” Elsa pudesse ter uma namorada. Com a proximidade da estreia americana do longa, o que se vê é que na continuação, Elsa virá ainda mais guerreira e mais corajosa na nova aventura com sua irmã Anna, mas nada de par romântico, principalmente uma mulher.

Representações diferentes sejam de classe, gênero, orientação sexual, padrões estéticos ou religiosos não são muito discutidos nos filmes Disney, principalmente nos de princesas, visto

que o padrão de riqueza, beleza e realeza sempre é o foco, tanto na fotografia dos filmes quanto nos costumes e comportamento. Quebrar o padrão inserido a tantas décadas significaria a inclusão de representações de mulheres jamais retratadas, principalmente em um papel de destaque e lugar de admiração para milhares de meninas pelo mundo, abrindo o leque de discussões para a questão da representatividade, tão necessária para as crianças: assistir um filme e se ver no personagem principal.

Princesas representadas por jovens em corpos comuns, gays, deficientes ou até mesma com os cabelos cobertos por causa de sua religião colaborariam para o empoderamento das meninas desde a infância, mostrando que pessoas como elas também são especiais ao ponto de serem representadas como princesas, e ainda assim, lutar por seus ideais e ambições. “As representações femininas enquanto figuras autônomas e empoderadas nos meios de comunicação são importantes para a confirmação social da mulher.” (BITTENCOURT, TAVARES e CASTRO, 2017, p. 199) e as crianças necessitam disso para se sentirem representadas.

Apesar da grande necessidade da ampliação da representatividade e do avanço lento nesta direção, não há dados ou estudos encontrados para a realização deste trabalho a fim de engrossar esta discussão. No capítulo II deste trabalho, se encontram tabelas com resultados de pesquisas de artigos e empoderamento e princesas não dava nenhum resultado para esta pesquisa. A ausência de trabalhos na área pode mostrar como realmente é necessário expandir esse debate além do campo das princesas Disney, podendo ampliar para filmes infantis, visto a enorme gama de títulos que as crianças têm fácil acesso.

Apesar das atuais princesas já demonstrarem empoderamento e coragem, é necessário que a representatividade também seja englobada, assim como a representação além do título de princesa. Exemplos de princesas reais, como Princesa Diana e seus trabalhos de caridade ainda são lembrados, mesmo passados mais de vinte anos de sua morte. Diana, na década de 80, quando a AIDS era algo que assustava muito o mundo e o preconceito com pessoas portadoras do vírus era imenso, cumprimentou sem luvas na frente da imprensa um paciente com HIV. Sua atitude, um gesto simples, ajudou a diminuir o estigma de que o vírus se transmitia pelo toque e este gesto ainda é lembrado quando se fala dela.

Situações como estas, mesmo que não em assuntos tão ‘adultos’ poderiam estar dentro das novas representações de princesas, que poderiam vir a discutir em seus filmes: situações reais, discussões sinceras e quebra de preconceitos, tudo isso desde a infância, ajudando a construir crianças com mais empatia e menos intolerância.

## 5. Considerações Finais.

O estudo realizado buscou compreender a relação dos contos de fada com os Estúdios Disney e mostrar a evolução do estereótipo e da personalidade das princesas dos filmes Disney. O objetivo foi analisar e compreender o quanto essas alterações de personalidade, com o passar dos anos influenciam e moldam meninas que assistem a esse material desde muito novas, buscando compreender se esse tipo de influência é positivo ou não na vida destas crianças.

A pesquisa verificou que mesmo após anos, o poder das princesas sobre as crianças continua inabalável, os filmes fazem cada vez mais sucesso, arrecadando bilheterias na casa dos milhões por todo o mundo e levando mais de uma geração para assistir as novas aventuras de uma nova princesa.

A influência das princesas pode ser medida diante de seu sucesso, tanto em bilheteria quanto em licenciamentos. A ideologia machista nos filmes de Walt Disney foi bastante disseminada tanto por personagens homens como mulheres, durante todo o período em que os filmes reforçavam a necessidade da mulher ser aceita por um homem, se moldando às expectativas masculinas. Entretanto, observou-se que as crianças hoje se encantam mais por princesas que têm sua própria vida, seus sonhos e seus objetivos – as “princesas contemporâneas”, conforme classificadas por Breder (2013) –, visto o tamanho do sucesso que as últimas princesas fizeram com as crianças.

É importante mencionar que filmes realizados pelos Estúdios Disney não podem ser considerado apenas como entretenimento, visto que além da rentabilidade envolvida, a magia que a Disney coloca em seus trabalhos é capaz de encantar em um nível de influências das ideias de quem assiste, principalmente em relação às crianças que ainda não tem total discernimento sobre os efeitos daquilo que consomem culturalmente.

Giroux (1995) nos diz que as Pedagogias Culturais, assim como as instituições tradicionais de ensino (escola, família, religiões), tem a capacidade de educar, produzindo, organizando e difundindo conhecimentos específicos, porém, de maneira associada ao prazer, consumo e fantasia e quando falamos de Disney e suas produções, as mesmas podem atuar como máquinas educadoras, pelo renome de seus temas.

É possível reconhecer que a influência que hoje a Disney exerce sobre as crianças não mais envolve grande pressão na busca pelo amor romântico como única fonte de felicidade, princesas são arqueiras, guerreiras e isso é uma influência muito melhor que apenas limpar a casa cantando para não reclamar, como as primeiras princesas mostravam.



Representações femininas que se apoiam, se ajudam, ‘empurram’ para frente as jovens princesas nos filmes ainda são poucas, mas já deixam sua marca de importância mostrando a importância da sororidade na vida da menina, independentemente de sua idade.

A presença de representações de família também ainda é algo novo quando pensamos nas figuras maternas e paternas juntas nos filmes, mas é revelada uma tendência a mostrar a importância da família e na construção da personalidade e segurança da criança, pois, como Breder (2013, p. 65) cita em seu trabalho, “as princesas órfãs de mãe e que não tem o afeto dos pais se apaixonam perdidamente pelo primeiro príncipe que aparece”, reforçando o estereótipo de mulher inofensiva, diferentemente do que ocorre com as princesas que tem o apoio e o amor da família por perto, como Merida e Moana, por exemplo.

Ainda há muito potencial para se explorar e realizar mudanças significativas para os futuros filmes e representações de princesas do universo Disney. Se baseando no ideal de feminilidade do século XXI e, sabendo da importância destes filmes na vida das crianças, na construção da identidade, da autoestima e dos sonhos das mesmas, devemos aguardar princesas mais lutadoras, que buscam suas origens e mostram ao mundo em enormes telas de cinema que o significado de ser princesa tem muito mais a ver com a nobreza de ser quem você realmente é do que caber em um belo vestido rodado, com um príncipe a tiracolo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- AGUIAR, Eveline Lima; BARROS, Marina Kataoka. **A representação geminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney**: a ressignificação do papel social da Mulher. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII - Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Natal, Rio Grande do Norte, 4 jul. 2015. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1959-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- ARAUJO, Patricia Martins de. **Protagonismo feminino**: Influências dos filmes de princesas da Disney para uma educação feminista. Orientador: Zoraia Aguiar Bittencourt. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, Erechim, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1793>. Acesso em: 28 jul. 2019.
- BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina; GARCÍA, Fernando Herraiz. Imagens da Disney (re)produzindo gênero: Revisão da produção acadêmica (2003-2015). **Revista Digital**

do LAV – Laboratório de Artes Visuais, Santa Maria, v. 10, ed. 3, p. 156-178, set/dez 2017.

DOI 10.5902/19837348. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/28210>. Acesso em: 29 nov. 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. Brasil: Paz & Terra, 1997. 448 p. ISBN 8577530388

BORGES, Heloisa Porto; RODRIGUES, Rodrigo Fonseca. A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, ano 2, v. 15, p. 109-127, set/dez 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n3p109/37433>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados**: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncip-es-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

CARVALHO, Ana Elisa Alves de. **Personagens femininas em animações dos Estúdios Disney: transformações de perfis em mulheres complexas**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/103387>. Acesso em: 6 jun. 2019.

CASTRO, Lidianes Nunes de; CHAMPANGNATTE, Dostoiowski Mariatt de Oliveira. **Feminismo e conto de fadas**: uma análise d filme Frozen. **Revista Philologus**: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro, n. 55, p. 512-522, jan/abr 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/64supl/036.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz. O que se aprende com as princesas da DISNEY? **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 16, n. 29, p. 131 - 147, jan. 2014. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2014n29p131/26131>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

CORREIA, Rita. **O arquétipo da princesa na construção social da feminilidade**. Orientador: Manuel Lisboa. 2010. 84 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres)

- Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/5980>. Acesso em: 20 nov. 2019.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje**. In: Cunha, S.R.V. e Carvalho, Rodrigo S.de. Arte contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017, p, 9-26.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **As infâncias nas tramas da cultura visual**. In: Martins, Raimundo e Tourinho, Irene (orgs.). Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010, p. 131-161.

DRAEGER, Jaciara Lins. **Do Fogo do Inferno ao Frio Congelante: Frozen e as Representações das Mulheres**. 2015. Monografia (Comunicação Social da Universidade de Brasília) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12029/1/2015\\_JaciaraLinsDraeger.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12029/1/2015_JaciaraLinsDraeger.pdf). Acesso em: 1 jun. 2019.

FOSSATTI, Carolina Lanner. Cinema de animação e as princesas: Uma análise das categorias de gênero. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Blumenau, mai 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0120-1.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2019.

GOMES, Paola. **Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo**. Orientador: Rosa Maria Bueno Fischer. 2000. 208 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000. Disponível em: <https://docplayer.com.br/63343223-Princesas-producao-de-subjetividade-feminina-no-imaginario-de-consumo-paola-basso-menna-barreto-gomes.html>. Acesso em: 21 out. 2019.

GONÇALVES, Virginia. **A Mulher e a Cultura do Sacrifício: uma reflexão através do conto “A pequena sereia”**. Disponível em: <https://terapiadefamilia.wordpress.com/2010/12/14/a-mulher-e-a-cultura-dosacrificio-uma-reflexao-atraves-do-conto-“a-pequena-sereia”/> Acesso em: 14 nov. 2019.

JUNIOR, Francisco Aucelio Evangelista Belchior; ALVES, Francisco Cosme. **O existencialismo para o empoderamento feminismo em filmes da Disney**. Ceará, 5 jun. 2017. Disponível em: [http://prpi.ifce.edu.br/nl/\\_lib/file/doc1609-Trabalho/ARTIGO%20Francisco%20Cosme%20e%20Francisco%20Aucelio.pdf](http://prpi.ifce.edu.br/nl/_lib/file/doc1609-Trabalho/ARTIGO%20Francisco%20Cosme%20e%20Francisco%20Aucelio.pdf). Acesso em: 31 maio 2019.

KUO, Catarina Nae Yen. **Ensinando a ser menina: as princesas da Disney e o processo de socialização infantil**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação

Social/Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/849/1/CKUO.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2019.

LIMA, Isabel Cristina Marlasca Fernandes; ANTUNES, Amanda Almeida; PEREIRA, Cláudia da Silva. Espelho, espelho meu...: representação feminina e re-design das princesas dos filmes da Disney. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, p. 1-15, set 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0554-1.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

LOPES, Karina Elisa. **Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney**. Orientador: MsC. Úrsula Betina Diesel. 2015. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7620>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MELO, Lucyanna Maria de Souza; SANTOS, Diogo Emmanuel Lucena dos; SILVA, Romildo Felipe do Nascimento; BARROS, Sybelle Karolynne de Holanda Azevedo. Bela, recatada e de onde ela quiser... **XII CONAGES – Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades**, Campina Grande, 2016. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV053\\_MD4\\_SA3\\_ID1034\\_25052016153942.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD4_SA3_ID1034_25052016153942.pdf). Acesso em: 9 jun. 2019.

MENEZES, Carolina Schneider. A evolução das mulheres pelos contos de fadas e suas representações no universo feminino. 2017. 33p. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências (Campus de Rio Claro), 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/156505>. Acesso em: 14 jul. 2019

NETTO, Jéssica Dombrowski. O papel da mulher nos filmes das princesas da Disney. **Edição Especial: Anais do IX Ciclo de Debates Sobre Jornalismo da UniBrasil**: 9 o Ciclo de Debates sobre Jornalismo, [S. l.], out/nov 2013. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2025>. Acesso em: 4 jun. 2019.

SANTOS, Maria Eduarda Motta dos. Era uma vez a análise do discurso sobre as princesas dos contos de fada em animações da Walt Disney. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 52, p. 361-380, dez 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/67170/39935>. Acesso em: 17 jul. 2019.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

XAVIER FILHA, Constantina. **Gênero e resistências em filmes de animação**. *Pro-Posições* [online]. 2016, vol.27, n.1, pp.19-36. ISSN 0103-7307. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201607902>.

YZAGUIRRE, Christine M., "A Whole New World? The Evolution of Disney Animated Heroines from Snow White to Mulan" (2006). Seton Hall University Dissertations and Theses (ETDs). 505. <https://scholarship.shu.edu/dissertations/505>

## 7. FILMOGRAFIA

A Bela Adormecida (Sleeping Beauty). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1959. 75 min, cor.

A Bela e a Fera (Beauty and the Beast). Direção: Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção: Don Hahn. Walt Disney Pictures, 1991. 84 min, cor.

A Branca de Neve e os Sete Anões (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1937. 83 min, cor.

A Pequena Sereia (The Little Mermaid). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: John Musker e Howard Ashman. Walt Disney Pictures, 1989. 82 min, cor.

A Princesa e o Sapo (The Princess and the Frog). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Peter Del Vecho e John Lasseter. Walt Disney Pictures, 2009. 97 min, cor.

Aladdin. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Ron Clements e John Musker. Walt Disney Pictures, 1992. 90 min, cor.

Cinderela (Cinderella). Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1950. 74 min, cor.

Enrolados (Tangled). Direção: Nathan Greno e Byron Howard. Produção: Roy Conli, John Lasseter e Glen Keane. Walt Disney Pictures, 2010. 100 min, cor.

Frozen - Uma Aventura Congelante (Frozen). Direção: Jennifer Lee e Chris Buck. Produção: Peter Del Vecho e John Lasseter. Roteiro: Jennifer Lee. EUA: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2013. 102 min, cor.

Moana: Um Mar de Aventuras (Moana). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Osnat Shurer e John Lasseter. Roteiro: Jared Bush. EUA: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2016. 107 min, cor.

Mulan. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Pam Coats. Walt Disney Pictures, 1998. 87 min, cor.

Pocahontas. Direção: Mike Gabriel e Eric Goldberg. Produção: James Pentecost. Walt Disney Pictures, 1995. 81 min, cor.

Valente (Brave). Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Pixar Animation Studios, 2012. 93 min, cor.

WIFI Ralph: Quebrando a Internet (Ralph Breaks the Internet). Direção: Rich Moore, Phil Johnston. Produção: Clark Spencer. Roteiro: Phil Johnston, Pamela Ribon. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018. cor, 112 min.